

# DARCY

REVISTA DE JORNALISMO CIENTÍFICO E CULTURAL DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Nº 26 • OUTUBRO DE 2021 A JANEIRO DE 2022

UnB



## CENTENÁRIO DE **PAULO FREIRE**

“EDUCAÇÃO NÃO TRANSFORMA O MUNDO. EDUCAÇÃO  
MUDA AS PESSOAS. PESSOAS TRANSFORMAM O MUNDO”

— A UnBTV apresenta —



Mergulhe nas ideias do educador brasileiro nesta série com relatos de quem foi transformado por seu pensamento.

Acesse os vídeos pelo QR Code

## COMUNICANDO IDEIAS DEMOCRÁTICAS E EMANCIPADORAS

Serena Veloso e Vanessa Vieira



Foto: Secom/UnB

“**E** stávamos convencidos, e estamos, de que a contribuição a ser trazida pelo educador brasileiro à sua sociedade em ‘partejamento’ (...) haveria de ser a de uma educação crítica e criticizadora. (...) Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática.”

A convicção de Paulo Freire em 1964, registrada na obra *Educação como prática da liberdade*, revela a atualidade de seu pensamento: em tempos de ameaça à pluralidade de ideias e ao debate democrático nos campos educacional, político e social, pensar práticas acadêmicas pautadas numa educação “crítica” e “libertária” é um dos principais desafios lançados às universidades.

O Patrono da Educação Brasileira reuniu contribuições decisivas nessa missão, e a *Darcy 26* resgata e faz pulsar seu legado. Endossando inúmeras iniciativas espalhadas mundo afora, bem como as atividades promovidas na *Semana Universitária da UnB*, este número celebra o centenário de nascimento do educador, datado em 19 de setembro de 2021. Parceria com a UnBTV repercute a temática com a série *Memórias de Paulo Freire*.

Seguindo a proposição freiriana da construção do conhecimento com protagonismo dos aprendizes, Bianca Mingote, Isabel Nascimento e Robson Rodrigues – estudantes de Jornalismo da UnB – assumem, nesta edição, em parceria com jornalistas da Secretaria de Comunicação, a autoria das três reportagens constituintes do Dossiê (p. 18 a 39), com a tarefa

de resgatar a memória e o legado do educador pernambucano.

Retoma-se, assim, característica originária da revista: sua institucionalização no pilar extensionista. A partir do *Projeto de Extensão da Revista Darcy*, são consolidadas parcerias com escolas públicas de ensino médio do Distrito Federal para promover o diálogo sobre conteúdo da revista e estimular seu uso como material paradigmático. A *Darcy* avança, portanto, em sua missão de democratizar o acesso ao conhecimento científico e fortalecer pontes com a sociedade.

Sob a curadoria da fotógrafa Anastácia Vaz, memórias do trabalho do pedagogo ilustram o *Ensaio Visual* (p. 42), dedicado à releitura de registros da experiência pioneira com o Método Paulo Freire de alfabetização, em 1963, na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte. As premissas pedagógicas da iniciativa são assunto da *A última flor* (p. 50), apresentadas pela revisora Vanessa Tavares, que aborda as diferenças entre letramento e alfabetização.

A reportagem *Assédio se combate a todo momento* (p. 12), da jornalista Thaise Torres, mostra que o fortalecimento do diálogo e do respeito no convívio coletivo, temática cara ao pedagogo, segue norteando a atuação da UnB.

É também na busca por diálogo e respeito que publicamos a *Darcy 26*, compartilhando informação de qualidade como recurso contra notícias falsas que fomentam ataques ao legado do educador. Revisitando suas ideias, acreditamos que a comunicação, assim como a educação, “não pode temer o debate”. Boa leitura!

# DARCY

REVISTA DE JORNALISMO  
CIENTÍFICO E CULTURAL DA  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

## Universidade de Brasília

### Reitora

Márcia Abrahão Moura

### Vice-reitor

Enrique Huelva Unternbäumen

### Conselho Editorial

#### Cynthia Kyaw

Professora do Instituto de Ciências Biológicas

#### Germana Henriques Pereira

Diretora da Editora UnB

#### Adalene Moreira Silva

Professora do Instituto de Geociências

#### Isaac Roitman

Professor emérito da Universidade de Brasília

#### Luiz Gonzaga Motta

Professor aposentado da Faculdade de Comunicação

#### Maria Emília Walter

Decana de Pesquisa e Inovação

#### Rafael Villas Bôas

Diretor da UnBTV

#### Rita de Cássia Silva

Professora da Faculdade UnB Gama

#### Roberto Ellery

Professor da Faculdade de Economia, Administração,

Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas

#### Solano Nascimento

Professor da Faculdade de Comunicação

#### Soraya Resende Fleisher

Professora do Instituto de Ciências Sociais

#### Paulo Schnor

Secretário-Executivo do Conselho Editorial

### Projeto de Extensão da Revista Darcy

#### Coordenador-Geral

Sérgio de Sá

#### Discentes bolsistas

Isabel Dourado e Robson Rodrigues

### EXPEDIENTE

#### Secretário de Comunicação

Paulo Schnor

#### Editoras deste número

Serena Veloso e Vanessa Vieira

#### Editor-assistente

Renan Apuk

#### Editor de arte

Francisco George Lopes

#### Editoras de fotografia

Anastácia Vaz e Raquel Aviani

#### Reportagem

Bianca Mingote, Isabel Dourado, Robson Rodrigues,

Thaíse Torres, Vanessa Tavares e Vanessa Vieira

#### Capa

Marcelo Jatobá

#### Design e Ilustração

Ana Grilo, Francisco George Lopes, Igor Outeiral,

Marcelo Jatobá e Luísa Reis

#### Revisão

Kárin Ventura e Vanessa Tavares

#### Fotografia e Audiovisual

Anastácia Vaz, André Gomes, Júlio Minasi,

Luis Gustavo Prado e Raquel Aviani

#### Assessoria de Imprensa

Helen Lopes, Jéssica Louza, Lanuzia Nogueira e Thiago Flores

#### Relações Institucionais

Angélica Peixoto, Hellen Câmara, Júlia Consentino

e Karoline Marques

#### Assessoria Técnica-Administrativa

Danilo Xavier, Doraci Rosa, Salvador Júnior e Stephani Brito

#### Revista DARC Y

Telefone: (61) 3107-0214

E-mail: [revistadarcy@unb.br](mailto:revistadarcy@unb.br)

Campus Universitário Darcy Ribeiro

Secretaria de Comunicação

Prédio da Reitoria, 2º andar, sala B2-17/4

70910-900 Brasília-DF Brasil

[www.revistadarcy.unb.br](http://www.revistadarcy.unb.br)

3

### CARTA DAS EDITORAS

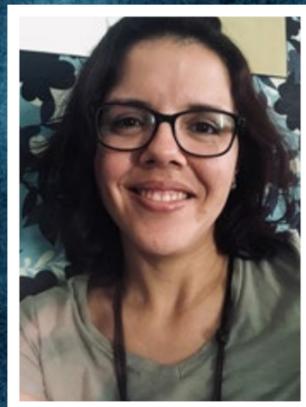
Contribuições do patrono da educação brasileira pulsam nas páginas e nos propósitos da *Darcy*

12

### ASSÉDIO MORAL

Pesquisas e ações da UnB combatem assédio moral nos ambientes laborais e de aprendizagem

### EU CONHEÇO A DARCY



6

### DIÁLOGOS

Reitora Márcia Abrahão destaca elos do protagonismo da UnB com o legado freiriano; decana de Extensão, Olgamir Amancia, e professora Rosylane Vasconcelos abordam diálogo entre academia e sociedade; docente Carmenísia Jacobina relembra homenagem da Universidade a Paulo Freire

50

### A ÚLTIMA FLOR

Método Paulo Freire: diferenças entre letramento e alfabetização

18

### DOSSIÊ CENTENÁRIO

20

### RETRATO

Aclamado e perseguido: a história do educador pernambucano que ganhou o mundo

28

### LEGADO

Horizontes para uma educação crítica, libertária e transformadora

34

### SABER EM CURSO

Iniciativas transformadoras pautadas no saber freiriano

42

### ENSAIO VISUAL

A pioneira experiência de alfabetização em Angicos

# FREIRE ESTÁ ENTRE NÓS

Texto **Márcia Abrahão\***  
Ilustração **Marcelo Jatobá**

**N**esta edição da revista *Darcy* que homenageia Paulo Freire em seu centenário de nascimento, a Universidade de Brasília tem a certeza de que as lições do Patrono da Educação Brasileira são eternas. E esse aprendizado faz parte da existência da UnB desde o seu nascimento, há quase 60 anos. Temos compromisso com uma formação crítica e humana. Não nos basta pensar apenas dentro da gaveta da atuação profissional. A autonomia da Universidade é também a autonomia cidadã dos nossos estudantes.

Em seu campo de extensão, a UnB sabe que deve valorizar os saberes das populações com as quais dialoga. A vida prática das comunidades nos importa. E a Universidade não se coloca como detentora unilateral do conhecimento. A Universidade também entende a dimensão da pesquisa como aliada incontornável do ensino.

Reconhecidamente inclusiva, a UnB acredita na excelência acadêmica construída com todos os aspectos sociais particulares ao país em que vivemos, à nação em que estamos inseridos. A oferta de irrestrita educação pública de qualidade é uma premissa com a qual trabalhamos no cotidiano institucional.

A UnB está engajada em trazer para dentro dos seus campi as populações historicamente excluídas do processo educacional. Isso aparece de maneira evidente nos diversos processos de seleção e ingresso na Universidade destinados a preencher vagas por cotas para grupos específicos. Negros, estudantes vindos da escola pública, indígenas, quilombolas e demais povos originários.

Se é preciso dar o exemplo, a UnB apresenta seu pioneirismo. Universidade necessária para chamar a atenção do país para sua diversidade. Universidade atuante para colocar em debate os temas mais importantes para pensar o país – passado, presente e futuro.

A Universidade convoca a consciência crítica de todos e de cada um. Estamos de acordo com Paulo Freire na visão de que o papel do educador está na troca, e não na imposição de cima para baixo, para não incidir no que chama de “consciência bancária” ou incentivar a manutenção de uma “consciência ingênua”.

A UnB é lugar de transformação da realidade. “Na medida em que os homens, dentro de sua sociedade, vão respondendo aos desafios do mundo, vão temporalizando os espaços geográficos e vão fazendo história pela sua própria atividade criadora”, escreve Paulo Freire no livro *Educação e mudança*.

Os espaços da Universidade estão abertos à reflexão, ao debate, a argumentos e contra-argumentos, ao consenso e ao dissenso. Sempre com ética e estética, o ensino superior também não pode ser apenas “transferência de conhecimento”, sem dúvida. O jogo proposto pela prática da “pedagogia da autonomia” diz respeito a todos nós.

Um dos nossos maiores orgulhos é ver a força e a intensidade crítica dos egressos, que não se curvam com facilidade a exigências injustas do mercado de trabalho e são capazes de tomar decisões que levam em conta efeitos sobre toda a sociedade. O estudante da UnB carrega a marca do comprometimento coletivo.

Paulo Freire é nosso aliado por uma educação cada vez melhor e mais inclusiva. Docentes, discentes e técnicos se irmanam progressivamente na atuação acadêmica cotidiana e se expressam em voz alta na esperança de um futuro de liberdade plena, dentro e fora, com seriedade, solidariedade e “amorosidade”, para lembrar termos caros a Freire e imprescindíveis ao convívio universitário.

Vida longa, linda e livre ao inestimável legado de Paulo Freire.

\* Reitora da Universidade de Brasília

# EXTENSÃO E COMUNICAÇÃO:

## PONTES PARA O DIÁLOGO ENTRE UNIVERSIDADE E SOCIEDADE

Texto **Olgamir Amância Ferreira\*** e **Rosylane Doris de Vasconcelos\*\***  
Ilustração **Marcelo Jatobá**

Em setembro de 2021, o mundo comemora o centenário de nascimento do patrono da educação brasileira, Paulo Freire. A atualidade de seu pensamento está colocada em meio a um contexto educacional que, repleto de contradições, evoca a urgência de uma prática educativa fundamentada no diálogo e no entendimento de que mulheres e homens são sujeitos de sua própria história, cotidianamente.

Tal prática pode ser referenciada no conjunto de sua obra, com um pressuposto básico: o de que o conhecimento não se transmite, mas se constrói, em processo integrador entre saberes. O livro *Extensão ou Comunicação?* problematiza qual a dimensão do diálogo que universidade e comunidade podem estabelecer na prática acadêmica refletida.

Publicada em 1969, em Santiago, quando Freire estava em exílio no Chile, a obra discute a ideia de extensão e sua contradição com o exercício da comunicação entre o que ele criticamente chama de sujeitos receptor e intermediário, tendo a ciência como fonte de saber. A reflexão parte da realidade vivida e observada junto aos camponeses chilenos, em algumas

comunidades cujos saberes e crenças nem sempre foram reconhecidos e dialogados pela maioria dos técnicos e das técnicas extensionistas.

Freire defende que não deveria existir obstáculo entre conhecimento científico e popular e discute semanticamente a extensão aproximada à prática, numa relação dialética com a cultura. Historicamente, tal barreira é provocada por uma concepção de extensão que desconsidera incorporar o acesso da comunidade ao saber dito científico, para que, em diálogo com os saberes populares, ambos produzam um movimento dialético de problematização do mundo.

Para o educador, o mero estender conhecimento a alguém, de forma unilateral, seria pressupor a inexistência de sujeitos históricos, desvalorizar a cultura local, substituir um conhecimento por outro, enfim, impor uma educação que os aliene da capacidade reflexiva, de forma autoritária, negando sua humanidade.

De outro ponto, ele acredita que a prática da comunicação teria um sentido mais próximo à pedagogia emancipatória do que a prática extensionista quando compreendida como alienante e unilateral. A comunicação pode vir a ser a compreensão do espaço

“O diálogo e a problematização não adormecem a ninguém. Conscientizam. Na dialogicidade, na problematização, educador-educando e educando-educador vão ambos desenvolvendo uma postura crítica da qual resulta a percepção de que este conjunto de saber se encontra em interação.”

- DIÁLOGO <<  
- OBSTÁCULO



histórico e cultural de cada comunidade, estabelecendo diálogos pedagógicos.

Freire compreende que o diálogo problematizador por uma perspectiva de comunicação forma sujeitos críticos. É preciso atentar para uma prática extensionista cujo pressuposto de interação entre diferentes saberes gere um conhecimento dialógico, democrático, comunicativo, transformador.

A Universidade de Brasília completará, em 2022, seis décadas de relação com as sociedades local, nacional e mundial. Nesse caminhar, está aprendendo uma prática refletida, buscando superar dicotomias nos processos de comunicação, no sentido da indissociabilidade entre extensão, ensino e pesquisa.

Mesmo em situações adversas, como as provocadas pela pandemia de covid-19, buscou-se assegurar a interação para que a extensão não se restringisse à mera atividade prática. Neste período, o uso de tecnologias remotas foi a estratégia possível para a concretização do diálogo com as comunidades interna e externa, o que amplificou o público participante.

Entretanto, não de forma equânime, pois setores sociais mais fragilizados economicamente foram

alijados do acesso a essas agendas, por não disporem de conectividade. Ainda assim, as dificuldades deste contexto foram acolhidas pelos extensionistas com a capacidade criativa e a ousadia que lhes são próprias.

Entre 2020 e 2021, a UnB ampliou em 18,8% o número de projetos e programas. Apenas nesta primeira metade do ano, foram institucionalizados 492 no sistema de gestão da extensão. Nessa esteira, inserem-se programas estratégicos como *UnB perto de Você*, *Agenda UnB 2030*, *Comunicação em Rede* e *Semana Universitária*, que em 2021, em comemoração ao centenário de Freire, reuniu 820 atividades, entre gravadas e ao vivo.

Problematizar a realidade, explicitar contradições é parte da estratégia de comunicação esponsada por Freire, para orientar as práticas extensionistas como qualificadoras das dimensões técnica, ética e estética da formação universitária, de forma integrada a esta. Assim, pauta-se a extensão na interdisciplinaridade, na interprofissionalidade, no protagonismo dos sujeitos, sem assimetrias entre os diferentes saberes mobilizados e comprometida com o impacto e a transformação social, bem como com a superação dos muros que um dia separaram universidade e sociedade.

\*Decana de Extensão da Universidade de Brasília, professora da Faculdade UnB Planaltina (FUP), presidenta do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Ensino Superior (Forproex) e coordenadora do Colégio de Pró-Reitores de Extensão da Associação dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Coex/Andifes).

\*\*Professora da Faculdade UnB Planaltina (FUP).

# CONEXÕES COM PAULO FREIRE, NOSSO DOUTOR HONORIS CAUSA

Texto **Carmenísia Jacobina\***  
Ilustração **Luísa Reis**

“Essa recifencidade de Paulo não nasceu por força do exílio. Quando da inauguração da nova capital federal, em 1960, Darcy Ribeiro, projetando a Universidade de Brasília, chamou Paulo para ir ver *in loco* e discutir com ele a sistematização e organização dessa instituição de ensino superior tão inovadora e ousada quanto a cidade mesma projetada por Lucio Costa e Oscar Niemeyer.

Já em Brasília, Darcy convidou-o então, insistentemente, para que Paulo fizesse com ele e outros/as intelectuais progressistas essa Universidade-modelo, participando de sua direção. Convidou-o também para ser seu professor, ensinando que matéria que ele se sentisse mais capacitado a ensinar, ao que Paulo respondeu: “Darcy, parabéns e sucesso! Essa coisa é uma maravilha! Participo no que puder ajudá-lo, participarei com você nesse troço formidável, mas a distância. Vir morar aqui?!... Ser professor dela?!... Não posso!” Por quê? Porque não posso viver fora do Recife. Sem a minha cidade... eu nem sei se sei pensar!”

Fonte: Trecho do discurso de Ana Maria de Araújo Freire, viúva de Paulo Freire, na solenidade da outorga do título de Doutor *Honoris Causa* ao educador, conferido pela Universidade de Brasília em 2011, e registrado no artigo Paulo Freire: uma história de vida.

A distinta trajetória do patrono da educação brasileira, Paulo Freire, ganhou na Universidade de Brasília um reconhecimento especial: o pensador é nosso Doutor *Honoris Causa*. O título foi outorgado em 6 de outubro de 2011, 14 anos após seu falecimento.

A honraria foi proposta pelo Centro de Memória Viva – Documentação e Referência em Educação Popular, Educação de Jovens e Adultos e Movimentos Sociais do Distrito Federal, projeto de pesquisa desenvolvido na Faculdade de Educação (FE). Viúva de Paulo Freire e sucessora de seu legado, Ana Maria de Araújo Freire, ou Nita, como é conhecida, recebeu o título póstumo e, emocionada, fez discurso cujo trecho é resgatado acima. Em suas palavras, atestou os laços do educador e pensador recifense com a instituição e a capital federal.

Paulo Freire nos supre com um legado histórico, social, cultural, político e acadêmico de inestimável valor. Em suas andanças pelo Brasil e por diversos países, inaugurou uma proposta educacional autêntica e revolucionária, pautada na conscientização política e na reflexão crítico-emancipadora.

Teve relevada atuação desde os primórdios da história do Distrito Federal: foi coordenador do Plano Nacional de Alfabetização do governo João Goulart (1963) e esteve presente em círculo de cultura no Gama (1963). Em 1996, na sua última estada em Brasília, proferiu conferência na ocasião da instalação do I Fórum Regional de Alfabetização de Jovens e Adultos. Recebeu homenagem que, para ele, significava um doutoramento do povo, diploma que estava na cabeça, no corpo, na imaginação, no sonho de todo mundo.

Na UnB, deixou seus rastros em visitas e colaborações, integrando, inclusive, o Conselho Superior da Fundação Universidade de Brasília de 1987 a 1988. Recebeu, ainda, homenagens pelo Prêmio Interamericano de Educação Andrés Bello, da Organização dos Estados Americanos (OEA), e do Centro Acadêmico de Pedagogia (1992), cujo nome leva o título de sua obra mais conhecida: *Pedagogia do Oprimido*.

Para a Universidade, acolher a proposta da FE de outorga do título de Doutor *Honoris Causa* e aprová-la em seu Conselho Universitário (Consuni) foi uma atitude de reconhecimento à grandeza de um ser humano que espalhou emoções, compartilhou saberes, respeitou o outro, contribuindo para a compreensão do verdadeiro sentido do exercício da cidadania, da busca da emancipação e do aprender coletivamente, com liberdade.

Sobretudo, o reconhecimento visou disseminar a concepção desse educador, que imprime marcas no pensar, no agir, no implicar, no sentir, no fazer, no celebrar, no emancipar, no esperar para a formação de educadores, seja nos espaços formais ou não formais.

Seu pensamento continua ecoando na UnB, onde está presente no desempenho de seus profissionais. Cada um à sua maneira, atuando de modo incessante no ensino, na pesquisa e na extensão, contribui para manter Paulo Freire “vivo” entre nós, aprofundando suas ideias na formação e nas práticas que realizam.

**Celebremos o centenário de nascimento de nosso querido Doutor *Honoris Causa*, o mestre Paulo Freire!**



Idealizada pelo antropólogo Darcy Ribeiro (ilustrado à esquerda), a UnB acolhe Paulo Freire (à direita) como Doutor *Honoris Causa*

\* Doutora em Ciências da Educação, pedagoga e professora aposentada da UnB. Entre 2010 e 2014, foi diretora da Faculdade de Educação.

# ASSÉDIO SE COMBATE A TODO MOMENTO

Texto **Tháise Torres**  
Ilustrações **Ana Rita Grilo**



Nas escolas, no trabalho, na universidade. A violência moral está presente no dia a dia em diferentes espaços, sendo naturalizada e, por vezes, despercebida. Na contramão de tais práticas, iniciativas da UnB ajudam a tornar esses ambientes mais humanos e acolhedores

**T**ina\* não esperava gostar tanto de seu emprego quando assumiu cargo na Administração Pública Federal em 2016. O que encontrou na repartição fazia sentido para sua vida, e o concurso, que era para ser temporário, passou a trazer alegria no seu cotidiano. “Via sentido no que fazia”, afirma. Hoje, passados cinco anos, ela faz acompanhamento psicoterápico em virtude do sofrimento causado pelo trabalho. “Não sabia mais como lidar com isso. Achava que o problema era meu, mas hoje percebo que meus colegas e eu estamos em situações clássicas de assédio moral, e isso vem drenando meu prazer de trabalhar”, conta.

Histórias como a de Tina repetem-se diariamente em todos os tipos de ambientes laborais. “A eliminação do outro e o poder sobre o outro é um reflexo da questão da performance do sujeito no contexto do neoliberalismo”, explica Flávia Beleza, coordenadora executiva do projeto *Estudar Em Paz - Mediação Social Transformadora*, abrigado, na Universidade de Brasília (UnB), pelo Núcleo de Estudos da Paz (NEP) do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (Ceam).

Flávia, que é doutoranda em Educação na UnB, estuda a resolução de conflitos e como transformá-los por meio da mediação, ou seja, com intervenção de um terceiro capacitado que suscita o diálogo entre os envolvidos. Desde a graduação, sabia que queria trabalhar com iniciativas que possibilitassem aos próprios indivíduos a solução destes impasses. Em 2009, contribuiu para criar o projeto, que proporciona a formação em mediação de conflitos em escolas do Distrito Federal. Este é também objeto de estudo em seu doutorado.

Inicialmente, a oferta era voltada a estudantes do ensino básico. Hoje, estende-se a educadores da Secretaria de Educação do DF (Seedf), por meio da Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação (Eape). Os participantes tornam-se

multiplicadores de ideias e, quando no mercado de trabalho, poderão contribuir para diminuir a incidência das violências laborais.

“Percebemos ansia por resolver e transformar conflitos, principalmente entre as crianças. Os adultos, muitas vezes, já estão adoecidos e acham que não vai dar certo tentar mudar algo”, afirma Flávia. Uma das primeiras escolas em que ela atuou, o Centro Educacional São Francisco, em São Sebastião, região administrativa do DF, passou por grande mudança na qualidade das relações sociais e redução da violência durante e após o contato com a mediação.

Leísa Sasso, ex-diretora do colégio, conta que a instituição aproveitou as lideranças já existentes e as instrumentalizou com diálogo conciliador e escuta sensível. Para ela, essas habilidades são essenciais para a vida em sociedade e para o ambiente laboral, e ajudam a coibir as violências e discriminações.

“Dessa forma, ampliamos o exercício do diálogo, ultrapassando os muros da escola em direção às famílias, transitando pela sociedade”, lembra. “Quando existe um ambiente que é caro a um conjunto de pessoas e quando se busca pertencimento e acolhida, a mediação, tanto social quanto cultural, encontra espaço para atuar trazendo pacificação, respeito e tolerância”, acrescenta Leísa, que também é egressa do Programa de Pós-Graduação em Artes da UnB.

Gracianni Nunes, orientadora educacional da Seedf e ex-aluna do curso oferecido pela Eape, leva o que aprendeu para todas as escolas por onde passa. Ela explica que o projeto mostra violências que frequentemente são naturalizadas. “Muitas vezes a gente nem se reconhece como produtor dessas violências. Essa desmistificação e desnaturalização já contribui para o combate.”

Ela acredita que o contato com a mediação pode ajudar a diminuir tais situações, principalmente quando se criam articulações

**“Quando existe um ambiente que é caro a um conjunto de pessoas e quando se busca pertencimento e acolhida, a mediação, tanto social quanto cultural, encontra espaço para atuar trazendo pacificação, respeito e tolerância”**

Leísa Sasso

coletivas. “As pessoas envolvidas passam a ter voz e protagonismo. Reconhecemos o ambiente e as violências que nele ocorrem e paramos para pensar, sobretudo, nas naturalizadas. O assédio acontece principalmente em relação a mulheres, grupos LGBT e negros. São violências por vezes muito sutis”, lembra.

#### O DIREITO EXPLICA

A Organização Mundial do Trabalho (OIT) reconhece a urgência de combater o assédio e as violências no ambiente laboral. Em junho de 2021, entrou em vigor a *Convenção nº 190* da OIT, primeiro tratado internacional com essa finalidade. No Brasil, ainda que ela não tenha sido ratificada e que não haja definição exata de assédio moral na legislação, há dispositivos constitucionais que protegem o trabalhador e buscam reforçar direitos fundamentais, como dignidade, honra e saúde, no ambiente onde ele está inserido.

Professora do Programa de Pós-Graduação em Direito (PPGD) da UnB, Renata Dutra afirma que tanto a literatura jurídica quanto as decisões proferidas pelos tribunais – a jurisprudência – já identificam, conceituam e repudiam o assédio e as violências no trabalho.

Renata explica que, apesar disso, chefias hostis e práticas agressivas de gestão continuam a ser recorrentes. Ela exemplifica o caso de operadores de telemarketing, profissionais com alto índice de rotatividade, que sofrem muitas vezes com práticas humilhantes e consequente adoecimento mental. “Nos processos que analisei,

podemos observar chacotas com membros da equipe como dinâmica da gestão. Esse processo, que é chamado de momento de descontração, caracteriza, na verdade, humilhação.”

Outro caso emblemático é o estabelecimento de metas que um percentual mínimo da equipe consegue alcançar. “Se a meta é impossível, ela dissocia-se de um sentido ético e acaba por produzir sofrimento”, afirma Renata.

Esse tipo de ato muitas vezes cria armadilhas para o trabalhador, que acaba por viver para e pelo trabalho, na visão da doutoranda do PPGD e servidora da Justiça do Trabalho Valéria Dias. Interessada nos processos de saúde e de adoecimento no trabalho, foi uma situação de assédio moral organizacional que a motivou a estudar tal prática e outras violências laborais.

Durante o mestrado, Valéria decidiu analisar processos de afastamento de bancários, uma das categorias mais afetadas pelo assédio organizacional. Esta violência acontece quando as práticas da organização tornam o assédio recorrente nos comportamentos e nas relações laborais.

“Percebi que o foco das ações de prevenção deveria ser nas práticas organizacionais, não na pessoa. Esses ambientes são focados intensamente no produtivismo e essa dinâmica coloca um colega contra o outro, adoecendo o coletivo”, frisa.

A pesquisa de Valéria revela que certos benefícios oferecidos pelos bancos à categoria, como a participação em lucros e

resultados, aumentam a competitividade e a rivalidade entre os colegas, pressionando aqueles que não elevam a produtividade e culpando-os pela queda na receita.

Outro aspecto importante é o tipo de vínculo empregatício das pessoas que procuram reparação na Justiça do Trabalho: quem não tem estabilidade no emprego espera o encerramento do contrato para acioná-la.

As dinâmicas de trabalho a que esses empregados estão sujeitos os intimidam nessa busca. Assim, 57% desses trabalhadores já tinham o vínculo extinto, 33% tinham o contrato suspenso e apenas 3% entraram com ações ainda ativos.

Valéria percebeu, ainda, analisando as decisões da Justiça do Trabalho do Distrito Federal, que a maioria das sentenças do DF ainda não reconhece que o modelo de gestão adotado pelos bancos é o gerador do assédio, focando-se nas relações entre indivíduos.

Além disso, 72% dessas ações foram propostas por mulheres e elas são as que mais procuram o serviço de escuta clínica para tratar o adoecimento em decorrência do trabalho.

#### E A PSICOLOGIA?

Estudos realizados, entre 2007 e 2018, pelo Laboratório de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho (LPCT/UnB), demonstram que saúde mental e trabalho estão conectados. “A forma com que o trabalho é organizado pode levar o sujeito a vivências de prazer ou

de sofrimento patogênico”, afirma Valéria Dias. Grande parte do arcabouço teórico da dissertação da pesquisadora foi desenvolvido no LPCT, coordenado pela professora do Instituto de Psicologia (IP) da UnB Ana Magnólia Mendes.

“Já desenvolvia estudos na área quando uma profissional de saúde, vítima de assédio moral, me procurou para conversar. Ela queria falar sobre seu sofrimento, estava familiarizada com meu trabalho e me pediu para ser escutada”, conta Ana Magnólia, que também é coordenadora do Núcleo Trabalho, Psicanálise e Crítica Social. Ela ficou impressionada com o pedido de socorro. “Me ajude a sair dessa situação”, disse a trabalhadora enquanto tirava de dentro da bolsa cópias impressas dos artigos publicados pela professora. A partir daí, a docente convidou uma orientanda de mestrado, que atuava com a clínica de trabalho, para escutar a profissional de saúde. Dali saiu o primeiro artigo escrito no país a partir de caso de coleta de dados de escuta direta do paciente.

A docente do IP trabalha com a temática há mais de 30 anos e acredita que as escutas realizadas no projeto trouxeram algo de que sentia falta na abordagem teórica. “Eu tinha essa inquietação sobre a ineficácia do método, e essa virada metodológica foi fundamental para a pesquisa clínica e o tratamento dos trabalhadores adoecidos”, explica.

Hoje, a busca pela escuta clínica no LPCT é espontânea. Os atendimentos são para todas as pessoas, independente de faixa

## “Tanto o assédio moral interpessoal quanto o assédio organizacional violam a dignidade humana do sujeito assediado e do coletivo de trabalhadores que presenciam o assédio”

Valéria Dias

salarial ou área de atuação. “Temos pacientes com alta renda, mas que nos buscam pelo conhecimento especializado”, relata Ana Magnólia. A duração vai da necessidade de cada paciente. “Investigamos, durante esse processo, a potência da escuta para o trabalhador e sua cura.”

### ACADEMIA ATENTA

Na UnB, um grupo de trabalho (GT) foi instituído para elaborar proposta de *Plano de Combate ao Assédio Moral e a Outras Violências no Trabalho*. A iniciativa visa desdobrar o tema para além das pesquisas e laboratórios, propondo uma forma de lidar com as violências laborais no ambiente acadêmico.

O GT reúne representantes de diversas áreas e segmentos universitários, incluindo especialistas, e tem envidado esforços para acolher as demandas e desnaturalizar violências cotidianas que, muitas vezes, passam despercebidas.

Uma das propostas é a criação de uma rede que promova a humanização e trate as violências em suas raízes. A partir deste trabalho, espera-se reduzir situações como as vividas por Paula\*, por exemplo. A hoje mestranda da Universidade relata que, em seu último semestre de graduação, já com planos profissionais prontos, ouviu da orientadora que nunca conseguiria trabalhar onde gostaria. A fala da professora somou-se a uma série de comentários sarcásticos que a minimizavam, além de um ar de superioridade sempre presente.

“Depois de quatro anos e de passar por muitas coisas, a professora, rindo na minha cara, falou praticamente ‘joga fora esses quatro anos de estudo porque isso não vai adiantar de nada para os seus sonhos.’ A junção de problemas familiares e um quadro de depressão fizeram com que a estudante preferisse deixar para outro momento o projeto com a docente.

Outras situações constrangedoras, inclusive de humilhação diante de colegas, também marcaram a trajetória de Paula no mestrado. O quadro é repetido por outros estudantes que ouvem as agressões e os assédios com a justificativa de que “o mundo é assim mesmo”.

Algumas dessas situações coincidem na sala de aula e nas relações de subordinação: falta de orientação e silêncio do orientador ou gestor, seguidos de cobranças; isolamento; e uso de um indivíduo como exemplo negativo diante dos outros colegas. O orientador de Paula, por exemplo, não responde às dúvidas enviadas por e-mails e, quando dá notícias, cobra algo que ela não sabia que

deveria fazer. “Eu me sinto muito mal fazendo meu mestrado, mas não queria mudar de orientador, porque é o único que trabalha na área onde pretendo seguir carreira”, desabafa.

Depoimentos dados em anonimato à Associação Nacional de Pós-Graduandos (ANPG) trazem realidades desanimadoras. “Vou terminar graças aos meus amigos e à minha mãe. Mas me arrependo muito pela escolha da vida acadêmica. Ambiente classista, sexista, competitivo e que se faz de surdo”; “Tenho transtorno de ansiedade, depressão e síndrome do pânico”; “Desenvolvi gastrite nervosa no doutorado”.

“Tanto o assédio moral interpessoal quanto o assédio organizacional violam a dignidade humana do sujeito assediado e do coletivo de trabalhadores que presenciam o assédio”, lembra a pesquisadora Valéria Dias, que é também uma das convidadas do GT.

A proposta de plano do grupo unifica outras elaboradas setorialmente na Universidade e busca, por meio de um olhar cuidadoso e acolhedor, criar um ambiente dialógico e participativo, onde casos como os de Paula, Tina e tantos outros não sejam mais rotineiros. O GT também estabeleceu um fluxo de acolhimento das demandas e denúncias dentro da Universidade e formulou material educativo sobre o tema.

“O trabalho do grupo representa um marco em direção à construção de relações humanas saudáveis. Nossa expectativa é a de apontar formas de acolhimento das pessoas, além de mecanismos de coerção de práticas abusivas”, frisa a decana de Gestão de Pessoas da UnB, Maria do Socorro Gomes, presidente do GT. O plano será apresentado ainda este ano a instâncias superiores da Universidade para aprovação.

\*Tina e Paula são nomes fictícios usados a pedido das entrevistadas, que preferiram não se identificar

### SAIBA MAIS

Conheça a proposta do GT para combate ao assédio moral e outras violências no trabalho na UnB:





# LEGADO SEM FRONTEIRAS

Um nordestino que ganhou o mundo. Um pedagogo reconhecido por seu método de alfabetização de jovens e adultos e por sua proposta de educação crítica e emancipadora. Estamos falando de Paulo Reglus Neves Freire, cujo perfil ganha novos contornos com seu centenário de nascimento, em 2021. Nas próximas páginas, a *Darcy* aborda a vida e o legado do patrono da educação brasileira, detalha o panorama que lhe rende perseguição política até os dias atuais, e apresenta pesquisas e projetos que mantêm suas ideias vivas na Universidade de Brasília.

D O S S I Ê

# AMADO POR MUITOS, ODIADO POR TANTOS. QUEM FOI PAULO FREIRE?

*Nascido há 100 anos, o patrono da educação brasileira dedicou a vida ao ensino, recebeu enorme reconhecimento internacional e se tornou um dos principais alvos de perseguições políticas, antes e depois de sua morte*

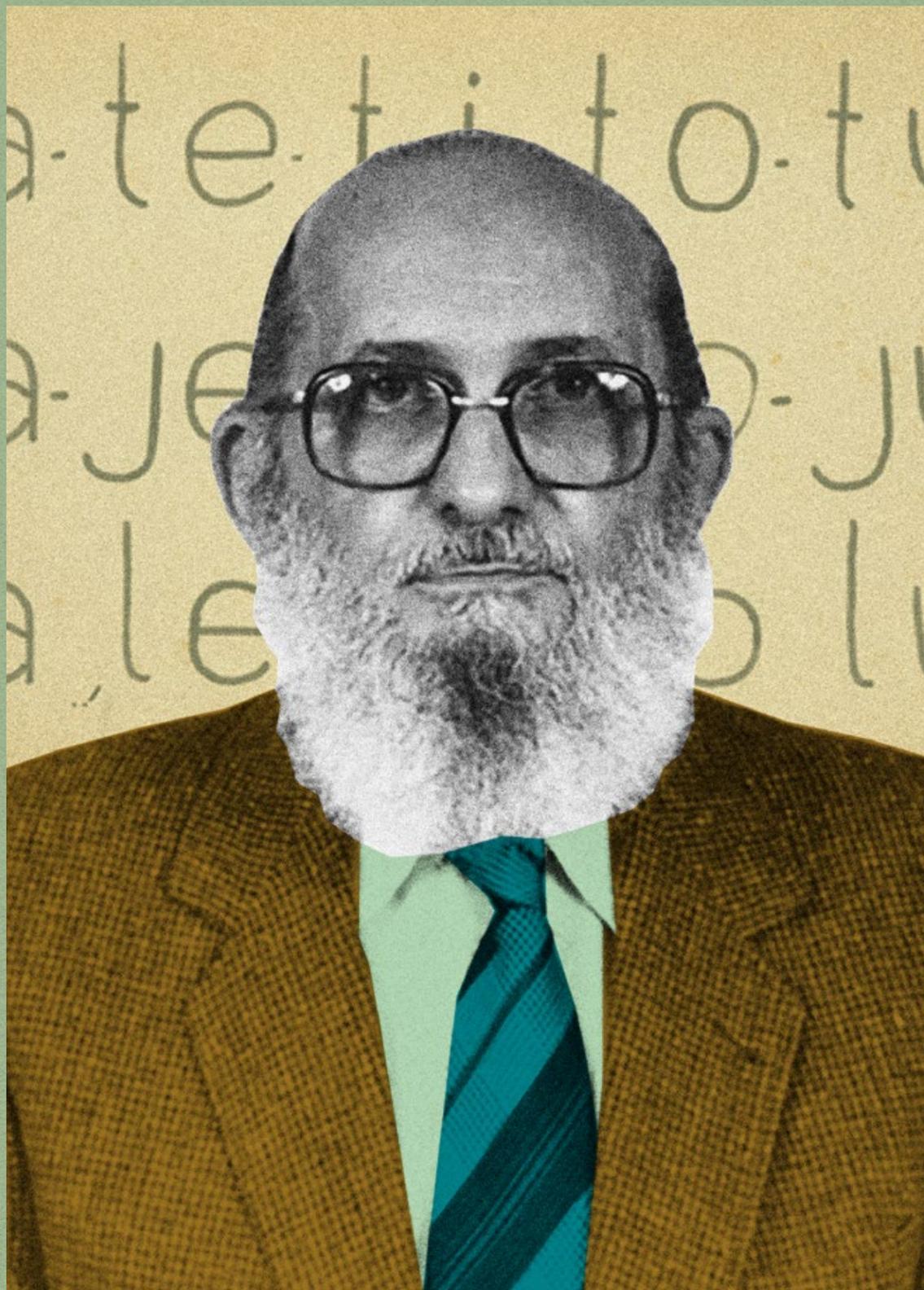
Texto **Robson Rodrigues**  
Ilustrações **Francisco George Lopes**

Se na década de 1970 pedagogos brasileiros em formação não ouviam falar em Paulo Freire, hoje o nome do educador é indispensável nos currículos universitários. Aqueles eram anos de ditadura militar. Enquanto o resto do mundo discutia a filosofia do pernambucano exilado, por aqui suas ideias eram sufocadas. A volta gradual à democracia a partir da década seguinte possibilitou o reencontro de Paulo Freire com o Brasil – e do Brasil com Paulo Freire. De lá para cá, seu nome nunca deixou de ser lembrado, por quem o ama, ou por quem o odeia.

Paulo Freire completa 100 anos de nascimento como um dos pensadores de maior destaque na história da educação. É reconhecido principalmente pelo desenvolvimento de uma pedagogia crítica, baseada no diálogo como ferramenta de reflexão sobre o mundo e a própria experiência nele, sempre em busca da emancipação individual e social. Seu método de alfabetização de adultos em curto prazo também se tornou referência por partir da realidade vivida pelo estudante para se chegar à construção das palavras que a compõem.

Patrono da educação brasileira, Freire foi contemplado com 48 títulos de Doutor *Honoris Causa*, entre outras honrarias de universidades e organizações nacionais e estrangeiras. É o autor de *Pedagogia do oprimido*, único título brasileiro a aparecer na lista dos cem livros mais requisitados por universidades de língua inglesa, divulgada pelo projeto norte-americano Open Syllabus. A obra lançada em 1968 é a mais citada mundialmente na área de educação e a terceira em trabalhos de ciências humanas, à frente de autores como Karl Marx e Michel Foucault, segundo dados do Google Scholar.

Mesmo com tamanho reconhecimento, há quem queira “expurgar a ideologia de Paulo Freire” das escolas, como disse o presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, durante campanha à presidência em 2018. O nome do educador, que já não estava mais com tanto destaque desde sua morte em 1997, voltou à tona a partir das manifestações de 2013, quando grupos passaram a pedir “menos Paulo Freire” e a atribuir uma dita derrocada do ensino no Brasil à influência do pensador. Os críticos a Freire chamam-no



de comunista e o desprezam por “pregar marxismo” nas salas de aula, noções que são descreditadas por seus defensores, segundo os quais muito se fala de Paulo Freire sem conhecê-lo de verdade.

### UMA VIDA VOLTADA À EDUCAÇÃO

“Eu gostaria de ser lembrado como um sujeito que amou profundamente o mundo e as pessoas, os bichos, as árvores, as águas, a vida”, disse Paulo Freire em sua última entrevista, em 1997. Apesar de bela, a frase não dá conta da marca que ele deixou. “Nordestino em qualquer parte do mundo”, como ele se descrevia, o pensador pernambucano é sempre lembrado pela gentileza, pela disposição imperturbável para o diálogo e pelo amor à educação.

Paulo Reglus Neves Freire nasceu no Recife, Pernambuco, em 19 de setembro de 1921. Sua infância como garoto católico de classe média foi duramente abalada pela recessão econômica de 1929. Para reduzir custos, sua família, composta pelo pai Joaquim Temístocles Freire, capitão da Polícia Militar de Pernambuco, pela mãe Edeltrudes Neves Freire, dona de casa habilidosa em bordado e em piano, e pelos três irmãos mais velhos, teve de se mudar para o município de Jaboatão dos Guararapes, distante 18 km da capital pernambucana, onde experimentou a pobreza e a fome.

Na adolescência, Freire conseguiu uma bolsa de estudos no prestigiado Colégio Oswaldo Cruz e lá pôde aprimorar os estudos. De acordo com a viúva de Paulo Freire, Ana Maria Araújo Freire, ou Nita Freire, como é mais conhecida, essa oportunidade foi fundamental para que ele se tornasse um importante pensador no futuro. “É possível que Paulo, sozinho, pudesse ter formulado seu pensamento, mas muito dificilmente conseguiria. Ele aproveitou as chances de aprendizagem que lhe foram dadas. Com isso construiu seu saber e a própria epistemologia. Sua escolarização de qualidade foi fundamental para seu desenvolvimento humano e humanístico”, comenta, aos 87 anos, a doutora em Educação.

A paixão pelo ensino foi despertada nos anos 1940. Ele dava aulas de língua portuguesa para alunos do seu antigo colégio enquanto estudava direito na Universidade do Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco. Apesar de ter concluído o curso, Paulo Freire nunca atuou como advogado. Sua primeira e última



Nita Freire e o educador em 1989, no lançamento do livro *A educação como ato político partidário*. Foto: Instituto Paulo Freire

experiência em um escritório de advocacia o abalou: diante da tarefa de cobrar um dentista bastante endividado, Paulo Freire percebeu que não conseguiria ser advogado e recuou no caso. Ao saber disso, Elza de Oliveira, primeira esposa e professora do ensino primário, o teria alertado de que sua vocação era a de professor.

A partir de 1947, Paulo Freire passou a integrar a Diretoria de Educação e Cultura do recém-criado Serviço Social da Indústria de Pernambuco (Sesi-PE). Lá, teve contato com a prática que marcaria sua trajetória. Ele trabalhou por 10 anos como educador popular na instituição. De acordo com o historiador Sérgio Haddad, autor da biografia *O educador: um perfil de Paulo Freire*, lançada em 2019, foi nesse período junto ao Sesi que Freire desenvolveu e aplicou pela primeira vez seu método de alfabetização de adultos com trabalhadores, que ficaria conhecido como Método Paulo Freire – nome, aliás, que não lhe agradava.

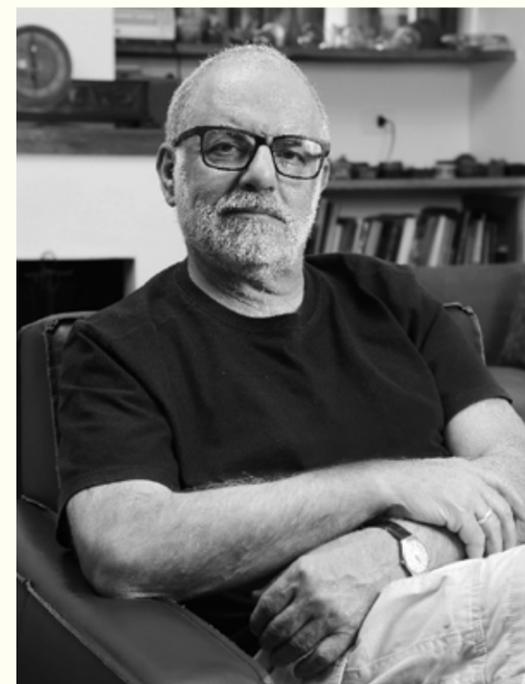
### MÉTODO CIVILIZATÓRIO

Seu método inovador destinado à alfabetização de jovens e adultos se afastava da metodologia infantilizada aplicada a crianças. Sem oportunidades de estudos, jovens e adultos analfabetos ficavam de fora do processo democrático, já que eram proibidos de votar. Isso representava um universo de mais da metade dos potenciais eleitores. O Censo de

“

EU NÃO QUERO ENSINAR AS PESSOAS A ESCREVER O NOME PARA VOTAR. EU QUERO ENSINÁ-LAS A SE CONSCIENTIZAR, LER O MUNDO, SABER PORQUE ESTÃO ANALFABETAS.

**Nita Freire** resgata fala do educador



Segundo o historiador Sérgio Haddad, o educador foi preso e perseguido por causa de seu método de alfabetização, que incluiu grande parcela da população no processo de voto e desestabilizaria a conjuntura política da época. Foto: arquivo pessoal

1950 aponta que 50,6% da população com mais de 15 anos não sabia ler ou escrever.

Convidado em 1958 para participar de um congresso de educação promovido pelo governo de Juscelino Kubitschek, Freire teve oportunidade de divulgar suas ideias em maior escala. Nos anos seguintes, ele criou o serviço de extensão cultural da Universidade do Recife, participou dos movimentos de cultura popular e assessorou campanhas de alfabetização em várias cidades do Nordeste.

Darcy Ribeiro, com quem teve uma relação de amizade ao longo da vida, chegou a convidar Paulo Freire para ajudá-lo a fundar a Universidade de Brasília (UnB) no começo dos anos 1960. O pernambucano, no entanto, rejeitou por não “poder viver fora do Recife”, como relata Nita.

O método de Paulo Freire foi ganhando corpo e teve sua principal experiência em 1963, em Angicos, Rio Grande do Norte. Ao todo, foram 300 adultos alfabetizados em 40 horas ao longo de 40 dias nos chamados círculos de cultura. A pequena cidade potiguar tornou-se um marco para a educação no Brasil e no mundo. Naquele ano, o *The New York Times* reportou a experiência. “Brasil realiza um movimento de alfabetização”, estampava o jornal norte-americano em 2 de junho de 1963.

Segundo Sérgio Haddad, esse movimento de alfabetização tinha a intenção política de colocar as pessoas na sociedade. “Paulo Freire achou que era uma forma de alavancar setores excluídos da sociedade. Ele poderia aumentar o nível de percepção da realidade dessas pessoas e promover uma tomada de consciência sobre as causas de suas condições de vida. Também era uma forma de exercer o direito de participação por meio do voto de forma consciente”, comenta.

A intenção não era criar eleitores em massa. “Ele dizia assim: ‘Eu não quero ensinar as pessoas a escrever o nome para votar. Eu quero ensinar as pessoas a se conscientizarem, lerem o mundo, saberem porque estão analfabetas’”, lembra Nita Freire.

O presidente João Goulart participou da formatura de Angicos e convidou Paulo Freire para criar um plano nacional de alfabetização. Quem também participou do evento foi o general Castello Branco, que se tornaria o primeiro presidente do regime militar. Ele via no programa de alfabetização um perigo. “Vocês estão criando cobras aqui no Nordeste”, teria dito o general a um jornalista, relata Sérgio Haddad.

## MARCOS NA TRAJETÓRIA DE PAULO FREIRE



### 1921

Nasce Paulo Reglus Neves Freire em 19 de setembro, no Recife, capital de Pernambuco.

### 1929

O educador e sua família experimentam pobreza e fome devido à depressão de 1929. A experiência contribui para sua preocupação com a população pobre e analfabeta.



### 1943

Ingressa na Faculdade de Direito do Recife.

### 1946

Assume o Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social (Sesi), onde tem suas primeiras experiências com a educação de adultos trabalhadores e percebe a necessidade de um trabalho direcionado à alfabetização.



### 1961

Assume o Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife e inicia as primeiras experiências de alfabetização popular que levam à constituição do Método Paulo Freire.

### 1963

Atua, junto com sua equipe, na alfabetização de 300 adultos em apenas 45 dias, na pequena cidade do sertão do Rio Grande do Norte chamada Angicos.

### 1964

Com o golpe militar, é acusado de subversão e perseguido pelo Estado. Busca exílio na Bolívia e, em seguida, parte para o Chile.



### 1967

Durante o exílio, trabalha no Chile por cinco anos para o Movimento de Reforma Agrária da Democracia Cristã e para a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação.

### 1968

Conclui o manuscrito de *Pedagogia do oprimido*, obra mais lida no mundo na área de Educação e a terceira em Ciências Sociais, segundo dados do Google Scholar.

### 1970

É convidado para ser professor visitante da Universidade Harvard.



### 1980

Retorna ao Brasil após a Lei da Anistia de 1979.



### 1989

Torna-se secretário de Educação da cidade de São Paulo, exercendo o cargo de 1989 a 1991.



### 1997

Morre de ataque cardíaco em 2 de maio, às 6h53, no Hospital Albert Einstein, em São Paulo.



### 2011

É reconhecido como Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Brasília, em 6 de outubro.

### 2012

É declarado patrono da educação brasileira pela Lei nº 12.612, assinada pela presidenta Dilma Rousseff.

As eleições em 1961 contaram com a participação de 12 milhões de eleitores. O plano de João Goulart era alfabetizar 5 milhões de pessoas, o que representava um aumento de 40% no número de votantes. A previsão era lançar em maio de 1964 cerca de 60 mil círculos de cultura que alcançariam 1,8 milhão de pessoas pelo Brasil.

Para Sérgio Haddad, isso desestabilizaria a conjuntura política daquele momento. O projeto, portanto, teve grande influência no golpe de 1964. "A elite da sociedade via que um método que colocava uma quantidade muito grande de pessoas para votar poderia afetar os currais eleitorais. E, votando de maneira consciente, isso poderia ser perigoso sob o ponto de vista da ascensão de setores populares na participação social."

Paulo Freire passou a sofrer acusações de querer o comunismo no Brasil. "Começaram a dizer que ele era agente soviético. Tudo para justificar prendê-lo. Ficou preso até seu exílio no final de 1964.

Ele recebeu muitas acusações tanto da elite da sociedade, quanto dos militares", explica Haddad. "Paulo nunca foi comunista. Nunca foi sequer marxista", observa Nita Freire. Em diversas ocasiões, Paulo Freire reafirmou sua postura socialista, apesar de ter sido um crítico dos sistemas socialistas. Especialistas em sua obra o qualificam como humanista.

Em março de 1964, quando houve o golpe militar, o programa de Paulo Freire foi um dos primeiros a ser desativado. Ele havia viajado por todo o Brasil e construído mais de 20 mil círculos de cultura. O material didático estava pronto para ser aplicado e as equipes, treinadas para começar o trabalho.

O educador foi preso duas vezes naquele ano. Sérgio Haddad conta que, na primeira detenção, um dos soldados propôs para o educador que ensinasse outros presidiários a ler e escrever. "Ao que Paulo Freire respondeu: 'mas eu estou preso justamente por causa disso.'"

### DO RECIFE PARA O MUNDO

Paulo Freire teve seus direitos cassados e se exilou primeiro na Bolívia (que também sofreria um golpe militar em 1964), e depois no Chile, onde ficou por quatro anos. Lá, ele trabalhou em programas de alfabetização e conviveu com outros brasileiros exilados. É no Chile que ele escreve sua obra mais importante, *Pedagogia do oprimido*, traduzida para mais de 20 idiomas. A ferramenta de pesquisa para literatura acadêmica Google Scholar registrou 72.359 referências à obra até 2016.

Ao longo de 16 anos de exílio, Paulo Freire teve uma agenda bastante intensa. Em sua primeira viagem para os Estados Unidos, deu aulas em Harvard e passou a receber convites frequentes de diversas universidades norte-americanas para encontros e palestras. Depois, trabalhou por 10 anos no Conselho Mundial de Igrejas (CMI) em Genebra, na Suíça, e fez mais de 150 viagens internacionais nesse período. A partir de 1975, passou a visitar países

africanos. Sua atuação no CMI fez com que o conteúdo de seus livros se propagasse por todos os continentes.

Enquanto isso, no Brasil, o nome de Paulo Freire era proibido. "Os livros dele não eram conhecidos no Brasil. Foi banido até dos jornais, ninguém podia falar dele", explica o pesquisador Erasto Fortes, ex-diretor da Faculdade de Educação (FE) da UnB, estudioso da obra do educador pernambucano.

"Eu me formei como professor na década de 1970, em plena ditadura, e nunca estudei Paulo Freire nas escolas de pedagogia brasileiras. Era proibido. Esses livros vão chegar só mais tarde no Brasil, impressos no exterior", detalha o pesquisador. "Com o processo de distensão da ditadura e a volta dos governos civis, essa literatura de Paulo Freire acaba ganhando um corpo maior e ele passa realmente a ser estudado, pelo menos, nas instituições sérias de ensino."

Assim que teve oportunidade, em 1980, Paulo Freire voltou definitivamente ao



O docente da UnB Erasto Fortes não estudou a obra de Paulo Freire durante a graduação porque suas obras foram proibidas de circular no país durante a ditadura militar. Foto: Rafael Rappke

“

ESCUTEI UMA VEZ QUE SÓ NÃO MATAM PAULO FREIRE PORQUE ELE JÁ MORREU. MAS, INFELIZMENTE PARA ESSA TURMA, SEU LEGADO AINDA REVERBERA. PAULO FREIRE VIVE.

**Erasto Fortes**

Brasil. Tornou-se professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e, depois, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Em 1989 assume um desafio diferente de tudo o que havia feito: ser secretário de Educação da capital paulista, no governo de Luiza Erundina, que na época era do Partido dos Trabalhadores (PT), do qual Paulo Freire foi cofundador.

Erasto Fortes é autor de *Direitos humanos e educação libertadora*, livro que escreveu ao lado de Nita Freire sobre o período na Secretaria de Educação. Para ele, Paulo Freire deixou marcas no ensino em São Paulo, apesar dos ataques que recebia da mídia. “A gestão de Freire, para a época, revolucionou a educação pública, porque ele transportou para as escolas a concepção de educação popular que ele tinha, dando uma valorização extrema às camadas mais pobres.”

Segundo Erasto, Paulo Freire promoveu concursos para contratação de professores. Os jornais, entre outras acusações, teriam passado a dizer que o secretário estava se aproveitando do concurso para vender livros dele. “Aquilo era uma bobagem. Imagina, ele precisar de um concurso para vender livros naquela época em que era famoso internacionalmente”, conta – e ri. Paulo Freire não concluiu sua gestão. Saiu da secretaria em 1991 e foi substituído pelo filósofo e professor Mario Sérgio Cortella, que tinha sido seu assessor.

Paulo Freire morreu em maio de 1997, aos 75 anos. Em 2012, a presidenta Dilma Rousseff o homenageou com o título de Patrono da Educação Brasileira. O educador foi agraciado em vida com 34 títulos de Doutor *Honoris Causa* por diversas universidades no Brasil e no exterior, mais cinco *in memoriam*, entregues postumamente a Nita, e outros nove que não puderam ser recebidos pessoalmente. A lista de honrarias não para de crescer. “Quem o entende, o admira e o ama profundamente”, sintetiza Nita.

A viúva lamenta que, desde a morte do ex-marido, sempre desejou tê-lo visto chegar aos 100 anos e poder celebrar seu centenário junto a ele. Mas, diante dos esforços nos últimos anos de alguns grupos para tentar manchar o legado de Paulo Freire no Brasil, ela se sente de certa forma aliviada por ele não ter passado por essas agressões. “Vejo que seria muito sofrimento para uma pessoa extremamente sensível e amorosa.”

# ATAQUES IDEOLÓGICOS SE INTENSIFICARAM

Nos últimos anos, Paulo Freire passou a ser atacado por setores mais conservadores da sociedade. Manifestações de rua que desembocaram na interrupção do governo petista em 2016 trouxeram o nome do educador para o centro do debate político. Tentaram até mesmo, no Congresso Nacional, derrubar o título de patrono. “Chega de doutrinação marxista” e “menos Paulo Freire nas escolas” passaram a ser frases repetidas em protestos e nas redes sociais.

Ele também foi um dos principais alvos do projeto Escola sem Partido, que acusa professores de escola pública inspirados por Paulo Freire de promover doutrinação político-partidária dentro das salas de aula. No plano de governo de Jair Bolsonaro elaborado em 2018, o então candidato escreve: “Além de mudar o método de gestão, na Educação também precisamos revisar e modernizar o conteúdo. Isso inclui a alfabetização, expurgando a ideologia de Paulo Freire.”

Diante dos ataques insistentes, a Justiça Federal do Rio de Janeiro proibiu o governo federal de “praticar qualquer ato institucional atentatório à dignidade intelectual” de Paulo Freire. A liminar foi publicada em 7 de setembro de 2021, às vésperas de seu centenário.

“Há muita distorção na compreensão de Paulo Freire”, acredita Genuíno Bordignon, professor aposentado da Faculdade de Educação da UnB e consultor do Instituto Paulo Freire (IPF). “Muitos que o atacam simplesmente não o conhecem e ouviram falar de quem também não o leu”, critica o pedagogo. Nita concorda. “Eles nunca ouviram, leram, aprenderam Paulo Freire. Nunca viram tudo o que ele fez de bonito, de generoso”, lamenta.

O biógrafo Sérgio Haddad lembra de um episódio particular que reforça a ideia de que muitos reprovam Paulo Freire sem conhecê-lo. “Eu moro num bairro de classe média. Quando lancei meu livro, meus vizinhos, reconhecidamente conservadores, acabaram por lê-lo e acharam muito interessante.”

## DECORRÊNCIAS POSITIVAS

Nita Freire pondera que o movimento de ódio a Paulo Freire gerou uma contrapartida bastante positiva. “Muitos jovens passaram a ouvir falar em Paulo Freire e a procurar conhecê-lo. Isso, de certa forma, ajudou a divulgar as ideias dele.”

Professora na Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, Rebecca Tarlau relata que Freire é aplicado como técnica pedagógica em muitos programas de educação nos Estados Unidos, mas sem sofrer a mesma resistência que no Brasil, “por ser menos conhecido por alas da extrema-direita” por lá.

Doutora em estudos sociais e culturais na educação, com ampla pesquisa baseada em Paulo Freire, a norte-americana acredita que o trabalho do brasileiro permanece com grande relevância em todo o mundo mesmo após tantos anos. “Eu sempre digo que o legado de Freire não está nas páginas do *Pedagogia do oprimido*, mas nas formas como as ideias do livro foram aceitas em todo o planeta, incluindo os Estados Unidos.”

Para o argentino Carlos Alberto Torres, professor do Departamento de Educação da Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos, Freire será “plena e honestamente reconhecido no século 21”, apesar do momento de ataques ao legado do educador no Brasil. “A filosofia da educação de Freire e uma infinidade de outras percepções educacionais de seu trabalho serão ainda mais importantes do que nunca”, afirma o estudioso do brasileiro e diretor fundador dos IPFs da Argentina, da Universidade de Los Angeles e de São Paulo. Segundo Torres, o impacto internacional de Paulo Freire é cada vez mais notável.

“Eu estudei uma infinidade de novos métodos, teorias, práticas que emergem da obra de Paulo Freire ou que são inspirados neles. A ecopedagogia está sendo implementada em várias partes do mundo. Além disso, diversas cátedras, institutos e escolas pelo mundo carregam o nome de Paulo Freire. São verdadeiros exemplos de educação libertadora e do impacto que Freire teve na teoria social e filosofia política da educação, bem como no desenvolvimento da epistemologia do Sul Global”, analisa Torres.

Na opinião de Erasto Fortes, Paulo Freire permanece muito atual. “Escutei uma vez que só não matam Paulo Freire porque ele já morreu. Mas, infelizmente para essa turma, o legado de Paulo Freire ainda reverbera. Paulo Freire vive.” Genuíno Bordignon também exalta essa herança: “Ficou de legado essa dimensão humana e desafiadora da educação. Ele é respeitadíssimo entre os educadores, que têm a filosofia do Paulo Freire incorporada. Eles têm esse amor à educação transmitida por ele. E a educação é capaz de tornar o mundo melhor.”

# EDUCAR PARA LIBERTAR

*Paulo Freire pensou a educação como uma prática para a liberdade, perspectiva que torna sua obra atual, inovadora e referência nas principais universidades do Brasil e do mundo*

Texto **Isabel Dourado e Vanessa Vieira**  
Ilustrações **Francisco George Lopes**

Uma concepção comprometida com a defesa da educação crítica, democrática e emancipadora. Este é o legado do educador Paulo Freire, dedicado por ele “aos esfarrapados do mundo e aos que com eles sofrem”, como registra a epígrafe escrita a próprio punho no manuscrito original de *Pedagogia do Oprimido*, obra mais citada no mundo na área da educação e a terceira em ciências sociais segundo dados do *Google Scholar*.

Apesar de ser muito conhecido por seu método de alfabetização de jovens e adultos, é essa perspectiva acerca do papel da educação que tornou o pernambucano, nascido em Recife, referência nas principais universidades do mundo. Há centro de estudos sobre sua obra em países, como África do Sul, Alemanha, Áustria, Canadá, Estados Unidos, Finlândia, Holanda, Inglaterra e Portugal.

“Seu compromisso é com a prática da liberdade e isso vai muito além do campo da alfabetização de adultos, que é onde ele começou, e da própria área da educação. O legado de Paulo Freire é com essa educação comprometida com a transformação social”, aponta Venício Artur de Lima, autor das obras *Paulo Freire – A prática da liberdade, para além da alfabetização e Comunicação e cultura: as ideias de Paulo Freire*.

Professor emérito da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, ele explica que a proposta do pensador é conhecida como “libertadora” porque “parte do princípio de que o educando descobre a si mesmo no processo de educação e, portanto, toma consciência da sua situação, se vê como uma pessoa capaz de transformar o mundo e se compromete com essa transformação”.

## EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA

De autoria de Freire, a célebre frase “a educação é um ato político” sintetiza parte importante de seu pensamento, que se baseia na perspectiva de que não há prática educativa indiferente a valores ou a um projeto de sociedade.

“A educação democrática, para ele, emerge do clamor e da luta de classes inferiores pautados nas ideias de liberdade e de igualdade de direitos. Na





Renato Hilário dos Reis, docente da Faculdade de Educação da UnB, atua com educação popular de crianças, jovens, adultos e idosos. Foto: arquivo pessoal

perspectiva freiriana, a educação humanizadora somente se realiza com e na presença de uma ação democrática”, explica Renato Hilário, professor da Faculdade de Educação (FE) da UnB e pesquisador na área de educação de jovens e adultos.

O docente esclarece que esta proposta está enraizada “na ideia de que cada sujeito tem vez, voz e capacidade de decisão. Então, não são alguns decidindo para todos e todas. São todos e todas decidindo pelo coletivo”. Por esta razão, diz ele, “a práxis pedagógica proposta por Freire deve ser sempre no plural”.

A dimensão emancipadora está presente na filosofia de Paulo Freire desde suas primeiras grandes obras. É o caso do ensaio *Educação como prática de liberdade*, publicado em 1967, durante seu exílio no Chile. Nele, o educador sinaliza para uma práxis educativa voltada à justiça social e aos direitos humanos.

“O projeto de Paulo Freire era a fundamentação de um Direito Achado na Rua, o direito que traduz a dimensão autônoma da pedagogia como formação da cidadania e do emancipar-se”, declara José Geraldo de Sousa Junior, docente da Faculdade de Direito da UnB e referência no Direito Achado na Rua – concepção teórica que embasa noções de Direito em conceitos como liberdade e emancipação.

Na visão do professor, a filosofia freiriana diferencia-se pela busca da autonomia dos sujeitos e por ter como núcleo da educação a dimensão conscientizadora. “A metodologia dele leva em conta abrir a consciência dos subalternos para que eles se deem conta das opressões que reduzem sua dignidade e se organizem politicamente para transformar a realidade, autonomizar-se e tornar-se sujeitos”.

Docente da FE e pesquisador em currículo, didática e formação de professores, Francisco Thiago da

“

O COMPROMISSO DE PAULO FREIRE É COM A PRÁTICA DA LIBERDADE E ISSO VAI ALÉM DO CAMPO DA ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS. SEU LEGADO É COM A EDUCAÇÃO COMPROMETIDA COM A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.

Venício Lima



Venício Lima, professor emérito da UnB, conviveu de perto com o educador pernambucano. Foto: arquivo pessoal

Silva completa que as dimensões de autonomia e empoderamento dos indivíduos foram pensadas por Paulo Freire como um caminho para contrapor estruturas autoritárias e fomentar igualdade social.

“A essência do pensamento freiriano é baseada em uma postura de diálogo, emancipação do sujeito, educação libertadora e democrática. Ele era contra qualquer ideia de exclusão e preconceito. Na sua visão, a falta de acesso a um ensino de qualidade era uma das causas para a perpetuação de desigualdades”, sinaliza.

#### GÊNESE DO PENSAMENTO FREIREANO

Grande parte da obra de Paulo Freire foi publicada originalmente entre as décadas de 1960 e 1980. É o caso de *Pedagogia do Oprimido*, seu título mais conhecido, lançado como livro em 1970, por meio de uma edição norte-americana publicada a partir de cópia dos originais. O manuscrito foi produzido em 1968, durante seu exílio no Chile.

Ideias como as presentes nesta obra ganharam corpo com a influência de intelectuais do Brasil e de outros países latino-americanos. “Seu pensamento foi formado em um contexto revolucionário. Era uma época em que se tinha a esperança de ser possível romper uma tradição secular de injustiças e desigualdade, com a presença de vários movimentos sociais em diversos países da América Latina”, contextualiza Venício Lima.

Ele aponta que uma contribuição significativa na concepção freiriana veio dos pensadores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb). Criado em 1955, no Rio de Janeiro, o Iseb foi um centro de conhecimento que promoveu o desenvolvimento nacional, alcançando especial destaque no governo de Juscelino Kubitschek. Sua extinção aconteceu em 1964, com a instauração do regime militar.

“Alguns autores importantes do Iseb tiveram influência direta no pensamento de Paulo Freire. Na área de sociologia, por exemplo, tem o Alberto Guerreiro Ramos. Quando o educador formula seu conceito de cultura do silêncio, ele recorre a uma corrente de pensamento da qual Guerreiro Ramos fazia parte”, esclarece o professor emérito.

Outra herança veio de Álvaro Vieira Pinto, “um dos mais importantes filósofos do Iseb com quem Paulo teve muita proximidade, e que o influenciou de várias formas, principalmente do ponto de vista filosófico, na visão existencialista do ser humano”.

Ideias do filósofo espanhol Eduardo Nicol também permeiam a obra do educador pernambucano. “Nicol propunha que ‘não existe pensamento isolado’. Embebido nesse conceito, Paulo Freire irá argumentar que não existe um ‘eu penso’, mas sim, ‘nós pensamos’. Ou seja, o pensamento estará baseado no coletivo”, detalha Venício Lima em seu livro.

Dessa contribuição filosófica, surge a conhecida frase de Paulo Freire, registrada em *Pedagogia do Oprimido*: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.



O professor emérito da UnB José Geraldo de Souza Junior destaca a dimensão emancipatória da pedagogia de Paulo Freire. Foto: Secom/UnB



Professor da Faculdade de Educação, Francisco Thiago da Silva, destaca a importância do legado de Paulo Freire. Foto: arquivo pessoal

Na família, o pensador também teve importantes referências. Com a mãe, Edeltrudes Neves Freire, ele aprendeu a ler e conheceu os princípios da religião católica que permearam sua trajetória de vida. A perspectiva religiosa veio, ainda, de influência, da Teologia da Libertação – corrente de pensamento surgida, a partir de 1960, na América Latina, junto a movimentos políticos libertadores, pautada na emancipação social, econômica e política. “Ele se associou indiretamente à Teologia da Libertação porque sempre foi cristão. E foi um cristão na perspectiva da libertação humana”, comenta Venício Lima.

Já com a primeira esposa, Elza Freire, que também era professora, o pernambucano foi estimulado a compreender a necessidade de alfabetização que partisse do aprendiz. “Elza foi fundamental na constituição inicial de seu pensamento, e ele dizia isso várias vezes. Ela foi a pessoa que sustentou a família, porque Paulo era um camarada que estava na militância do pensamento dele. Sua centralidade foi indiscutível, Paulo Freire reconhecia isso”, conta o professor sobre as declarações que ouviu do próprio educador, de quem se tornou amigo pelas afinidades filosóficas.

#### PENSAMENTO CRÍTICO X MODELO BANCÁRIO

Averso ao modelo tradicional de educação, tido por ele como “alienante e opressor”, Paulo Freire defendeu uma prática educativa que permita ao indivíduo sair de um “estado de tutela e de opressão” e desenvolver uma “leitura crítica do mundo”.

Essa abordagem teve influência intelectual pulsante da psicóloga e pedagoga argentina Emilia Beatriz María Ferreiro Schavi. Com amplo envolvimento na área de alfabetização, ela repudiava as formas tarefas de ensinar, as quais excluía o protagonismo do aluno no processo. Em sua produção, Paulo Freire designou essa prática de “educação bancária”.

“É a forma de ensino na qual o aluno é visto como passivo e apenas receptor do conteúdo ensinado, sem a existência de uma autonomia. Nessa proposta, o professor é o único detentor de conhecimento, gerando um ambiente de opressão”, descreve Renato Hilário.

Contraopondo este modelo, Paulo Freire propôs uma pedagogia na qual “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. “Seu pensamento tem uma base revolucionária, crítica e progressista, que, acima de tudo, defende a libertação do sujeito por meio da alfabetização. Mas não é uma alfabetização ligada apenas à perspectiva de letramento social, e sim uma alfabetização do mundo”, explica Francisco Thiago.

A reconfiguração do espaço de aprendizado é uma das práticas que chama atenção em sua metodologia. “Diferentemente da sala de aula tradicional, as cadeiras são dispostas em círculo, e não em fileiras. É uma perspectiva baseada no diálogo, em que ninguém sabe mais do que o outro. Todos os saberes importam”, detalha o docente sobre os círculos de cultura.

Ele avalia que o ato educativo, na obra freiriana, é revestido pela crença inabalável nas riquezas do outro, ainda que em situação de opressão. E

“

O PENSAMENTO DE PAULO FREIRE TEM UMA BASE REVOLUCIONÁRIA, CRÍTICA E PROGRESSISTA, QUE DEFENDE A LIBERTAÇÃO DO SUJEITO POR MEIO DA ALFABETIZAÇÃO, NA PERSPECTIVA DE LEITURA DO MUNDO.

Francisco Thiago da Silva

aponta, ainda, como cerne das ideias do educador, a problematização dos ensinamentos para produzir um saber transformador. “Os sujeitos submetidos a uma educação tradicional também estão sendo oprimidos, pois para emancipar-se é preciso pensar por si só e fazer uma leitura crítica do mundo.”

Para Renato Hilário, os princípios do que seria uma educação bancária ainda permeiam o modelo atual de ensino. “Isso danifica as possibilidades de que os estudantes desenvolvam suas faculdades críticas e de que compreendam a dinâmica dos conflitos que se estabelecem entre o ideal de uma sociedade que defenda os valores de democracia, liberdade e igualdade e a realidade social construída sobre os pilares de escravidão, racismo, exploração, genocídio e exclusão social.”

#### CONTRIBUIÇÕES ATUAIS

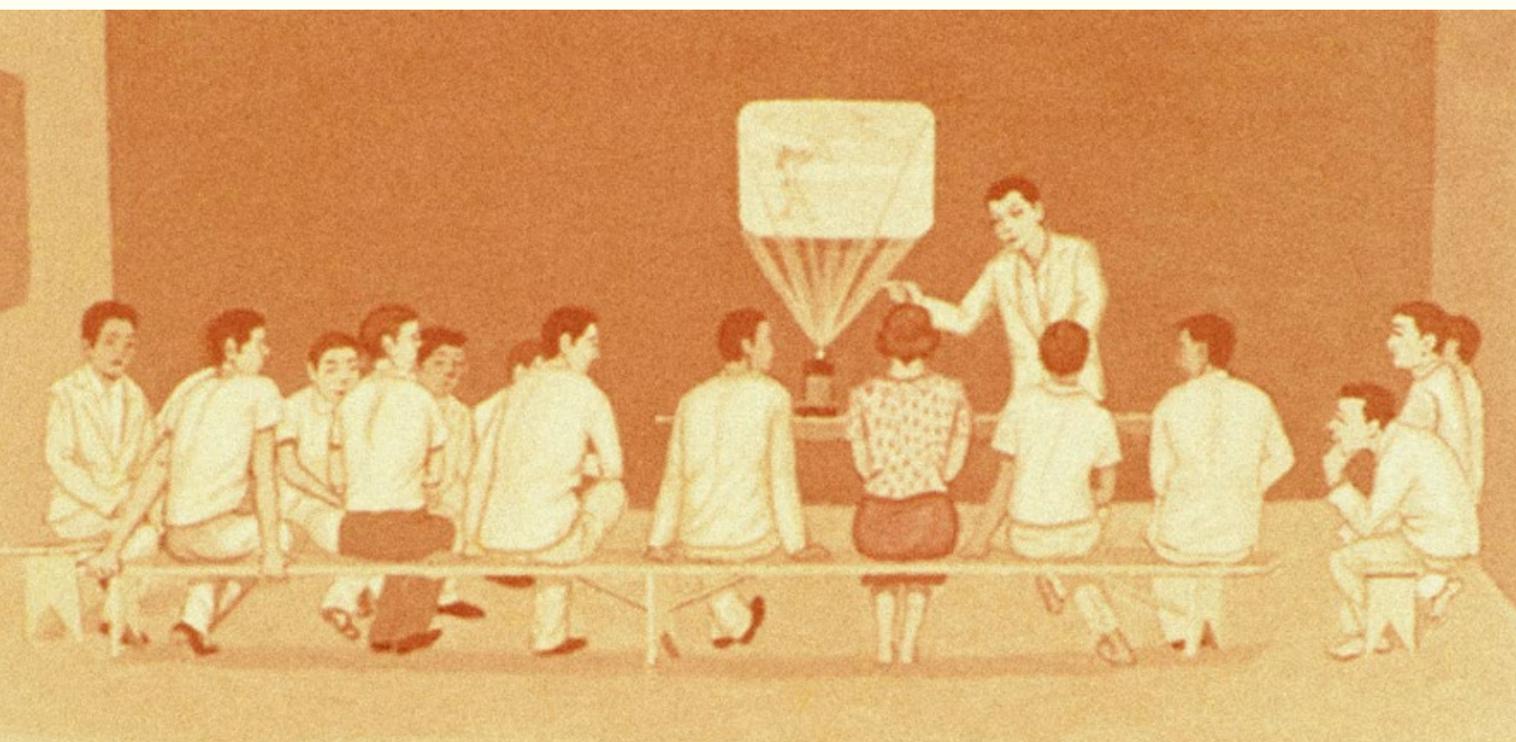
As décadas transcorridas desde a publicação das principais obras de Freire não diminuíram a atualidade de seu pensamento, presente, por exemplo, em programas nacionais de educação, como o Brasil Alfabetizado, que visa a superação do analfabetismo entre jovens, adultos e idosos. Apesar da repercussão em iniciativas governamentais, José Geraldo avalia que o Brasil ainda não atingiu uma educação democrática e igualitária.

“Nossa sociedade não venceu os limites de hierarquia que se estruturam sobre as formas dramáticas de exclusão. Não se emancipou disso. Basta ver o debate atual com uma retomada das modelagens neoliberais e de hostilidade à cultura. Há muita oposição ao pensamento crítico, que é o pensamento da educação para a emancipação”, avalia ele, que é também pesquisador em direitos humanos e cidadania.

No modelo atual, “a educação é, de certo modo, adestramento, conformismo e não autonomia”, aponta o docente. Já a concepção freiriana seria, em sua visão, um “horizonte utópico”, mas que, por meio das “lutas sociais por emancipação”, pode mover a sociedade a buscar “uma educação apta a transformar as estruturas de alienação”.

Na opinião do educador Renato Hilário, “o paradigma tradicional de educação, nas reflexões de Freire, reflete a sociedade opressora e preconiza uma cultura pautada no silêncio”. Ele acredita que a educação atual deveria “seguir a concepção freiriana de diálogo, na qual os alunos buscam debater com autores, criar uma opinião própria e com caráter crítico”.

Venício Lima destaca que “Paulo Freire foi, acima de tudo, um grande humanista” e um “homem de profunda fé”. Para ele, com o avanço de “uma cultura de ódio e de intolerância no mundo atual”, o educador “tem uma imensa contribuição desse humanismo fundado no amor e na crença no outro”, que é a marca mais profunda de seu pensamento e sua obra.



Experiência de alfabetização em Brasília com o método Paulo Freire, instituída em 1963 por Paulo de Tarso, à época ministro da Educação e Cultura

# CAMINHOS DO SABER

*Professores e estudantes da Universidade de Brasília mantêm acesa a chama do pensamento freiriano em diversas áreas do conhecimento*

Texto **Bianca Mingote**  
Ilustrações **Francisco George Lopes**

**E** mancipação, diálogo, libertação, autonomia são palavras-chave para aplicar a filosofia de Paulo Freire na práxis científica. As contribuições do educador vão além da metodologia desenvolvida para a alfabetização de jovens e adultos, pois fomenta o pensamento crítico e respeita a singularidade cultural. Conheça alguns dos projetos e pesquisas da Universidade de Brasília pautados na concepção freiriana.

## EDUCAÇÃO POPULAR

Aos 55 anos, a piauiense Lucimar Nascimento dá o exemplo de que nunca é tarde para sonhar. Sua juventude foi marcada pela falta de oportunidades, inclusive a de estudar. Em busca de melhores condições de vida, a nordestina veio para Brasília em 2014 e fincou raízes em Ceilândia, maior região administrativa do Distrito Federal. Foi ali que, aos 52 anos, ela se viu escrevendo uma nova história.

“Meu grau em relação à leitura era muito pouco. Hoje eu já sei ler. Sei muita coisa que antes não sabia. Me sinto privilegiada pela pessoa que estou me tornando e pelo que estou aprendendo”, conta Lucimar, que foi alfabetizada no Centro de Educação Paulo Freire de Ceilândia (Cepafre) e hoje sonha em ser enfermeira.

O Cepafre é uma instituição sem fins lucrativos que atua em oito áreas educativas, sendo a principal frente na alfabetização de jovens, adultos e idosos. A unidade estima já ter letrado 16 mil pessoas. “A alfabetização é um pontapé inicial de conscientização. Mas temos vários campos de lutas, todos embasados nos princípios freirianos”, detalha a primeira presidente do Cepafre, Madalena Torres.

Fundado oficialmente em 1989, o Cepafre teve início em 1985, quando estudantes da extinta Escola Normal de Ceilândia e cinco mestrados da Faculdade de Educação (FE) da UnB iniciaram uma experiência de alfabetização de adultos baseada na metodologia freiriana. Os acadêmicos eram: Erasto Fortes Mendonça, Laura Maria Coutinho, Ana Maria Jacobino, Maria Luiza Pinho Pereira e Renato Hilário – quatro deles, hoje, são docentes aposentados da FE.

Desde então, a UnB segue parceira do Cepafre, contribuindo para que pessoas como a Lucimar possam ler, (re)escrever e contar suas histórias de



vida. A parceria é um incentivo para a instituição, que não tem sede própria e depende das doações de associados e colaboradores.

“A falta de recursos dificulta muito o trabalho, mas com organização, dedicação e determinação conseguimos manter o trabalho vivo”, enfatiza Danielle Estrela, vice-presidente do Cepafre, educadora popular em Ceilândia e professora da rede municipal de educação de Cristalina, em Góias.

“Nós resistimos tendo como diferencial o apoio sempre presente da Universidade de Brasília e da própria população”, acrescenta Madalena Torres, que em 2019 foi agraciada com título de Cidadã Honorária de Brasília em reconhecimento à trajetória dedicada à educação popular e à alfabetização de jovens e adultos no DF.

O sonho da educadora é “ver as pessoas alfabetizadas, continuando os estudos”. Trajetórias como a de Lucimar confirmam que o ideário de Madalena Torres já é realidade. “Através do Cepafre hoje estou em uma escola, na sétima série. Tenho aprendido muita coisa. Me sinto excelente em tudo, na maneira de me expressar, e quero aprender mais ainda”, compartilha.

#### PEGADAS DE PAULO FREIRE NA CAPITAL

A última vez que Paulo Freire esteve no Distrito Federal foi em 30 de agosto de 1996, cerca de oito meses antes de sua morte. Na ocasião, o educador deixou suas mãos moldadas em uma placa de cimento feita por Valdivino Ferreira da Silva, um pedreiro alfabetizado pelo método freiriano. É possível apreciar a placa, guardada e conservada com muito zelo nas dependências do Centro de Educação Paulo Freire de Ceilândia (Cepafre).

Essa e outras curiosidades são resgatadas no artigo *Presença e pegadas de Paulo Freire no Distrito Federal: uma primeira aproximação*, publicado em 2012 e que será desdobrado em novo artigo, cujas pesquisas estão em andamento. O estudo analisa três momentos em que o educador esteve no DF: o início dos anos 1960 e as décadas de 1980 e 1990. Já a nova publicação abordará descobertas históricas anteriores a 1960, baseada em achados localizados no Museu da Educação do Distrito Federal (Mude) – que tem sede provisória no Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (Ceam) da UnB.

“A UnB tem, em sua história, Paulo Freire como membro de seu conselho diretor do início dos anos 1980 até 1991. Por conta disso, ele vinha à cidade e à UnB. Vemos bem registrado na história de Angicos o começo do trabalho dele, mas sua presença em Brasília fica com um lapso de memória que buscamos recuperar”, avalia o educador popular e professor da FE Erlando Rêses, coautor da pesquisa.

A metodologia do estudo envolve análise documental, pesquisa histórica e resgate de memórias daqueles que conviveram com Paulo Freire no DF. A produção também analisa como as concepções freirianas foram integrando-se à formação de educadores e à prática educativa na cidade.

Erlando Rêses compartilha que trilhar os passos de Paulo Freire na capital federal vai além da ideia de expandir o conhecimento sobre o educador. “Fazer esse caminho nos dá muita satisfação. Temos interesse em que mais pessoas o conheçam e vejam sua singularidade como ser humano, enquanto educador preocupado com as classes populares e com a alfabetização”.



O docente Gabriel Baudson desenvolveu junto a outros professores da Secretaria de Educação do DF um guia de experimentos científicos para aplicação em sala de aula. Foto: arquivo pessoal



Um secador de cabelo e uma bola de isopor são usados para o ensino de conceitos físicos. Foto: arquivo pessoal



ESTUDAR NÃO  
É UM ATO DE  
CONSUMIR IDEIAS,  
MAS DE CRIÁ-LAS  
E RECRIÁ-LAS.

**Paulo Freire, Ação cultural  
para a liberdade e outros  
escritos, 1982**

#### OFICINAS COLABORATIVAS EM CIÊNCIAS

Já imaginou aprender ciência usando vela, bexiga ou secador de cabelo? Com auxílio desses objetos é possível explicar para alunos da educação básica princípios físicos e químicos que compõem fenômenos científicos, além de romper obstáculos epistemológicos e estimular o diálogo entre educando e professor.

Para apoiar professores na adoção dessas práticas, Gabriel Baudson, docente da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), desenvolveu um guia para imersão em experimentos científicos que podem ser reproduzidos em sala de aula. O material foi concebido em oficinas colaborativas com participação de profissionais da SEEDF, e resultou da pesquisa de mestrado de Baudson pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências do Instituto de Química da UnB.

Nas oficinas foram desenvolvidos vários Objetos Científicos Interativos (OCI) – peças manuseáveis utilizadas com o objetivo de aplicar conceitos de ciência no processo de aprendizagem dos estudantes. Um exemplo é o uso de secador de cabelo e de uma bola de isopor para explicar o princípio de *Bernoulli* e o *Efeito Coandă* – conceitos presentes no conteúdo de hidrodinâmica, trabalhado durante o ensino médio.

Baudson explica que os OCI são caracterizados pelas dimensões de dialogicidade, ludicidade e interatividade. Por isso, eles estimulam a investigação científica e a curiosidade, ou seja, aproximam o saber científico ao cotidiano popular. “São dimensões que incorporam os requisitos que Freire colocou para a prática de educar para liberdade: o diálogo, a horizontalidade das relações, o protagonismo, a humildade, a fé de que cada encontro e cada colaboração podem ser transformadoras”, aponta.

Segundo Cássio Laranjeiras, docente do Instituto de Física e orientador da pesquisa, as oficinas foram propostas para “romper com um círculo vicioso presente no processo formativo de educadores [referente ao que Paulo Freire chamou de educação bancária], estabelecendo o diálogo como elemento central e estruturador do processo de conhecimento”.



A piauiense Lucimar Nascimento teve sua vida transformada aos 52 anos ao ser alfabetizada. Foto: Sandiego Lima



Primeira presidenta do Centro de Educação Paulo Freire de Ceilândia, Madalena Torres teve oportunidade de conhecer o educador. Foto: arquivo pessoal



PARA A  
CONCEPÇÃO  
CRÍTICA, O  
ANALFABETISMO  
NEM É UMA  
'CHAGA', NEM UMA  
'ERVA DANINHA' A  
SER ERRADICADA  
(...), MAS UMA  
DAS EXPRESSÕES  
CONCRETAS DE  
UMA REALIDADE  
SOCIAL INJUSTA.

**Paulo Freire, Ação cultural  
para liberdade e outros  
escritos, 1982**

#### EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA

Sem a pretensão de emergir fórmulas mágicas para a problemática da educação ambiental, a professora da SEEDF Adriana Arrais investigou a realidade de escolas sustentáveis da rede pública de ensino no país. Ela buscou compreender de que forma os eixos escolares *currículo*, *gestão* e *espaço físico*, quando articulados às concepções de Paulo Freire, podem resultar em uma educação crítica ambiental.

O processo de pesquisa, além de usar o aporte teórico de Paulo Freire, contou com o trabalho de campo pautado no dialogismo com as comunidades escolares. “Para assim compreender as suas realidades e com isso identificar os distanciamentos e aproximações em relação ao pensamento freiriano”, expõe Adriana Arrais.

A pesquisa teve início no final de 2019, mas, devido à pandemia, só foi possível concluir o levantamento de dados de duas escolas: a Cariri e a Jardim Floresta – ambas com nomes fictícios para preservar as respectivas comunidades escolares. Os resultados mostram que a escola Cariri se relaciona com a concepção freiriana em aspectos de autonomia, democracia, diálogo, formação de sujeitos críticos, entre outros. O fato não se repete na escola Jardim Floresta.

“O senso de pertencimento dos sujeitos da escola Cariri contribui para que os seus atores sociais busquem não só a compreensão da sua realidade, mas também a sua transformação por meio de uma luta coletiva, democrática e política”, observa.

A conclusão aponta que a junção dos três eixos embasados pela filosofia de Paulo Freire potencializa a manutenção de escolas sustentáveis cuja prioridade é a extensão crítica da Educação Ambiental. “Os elementos freirianos tornam-se indicadores que podem auxiliar a (re)pensar a ambientalização desses espaços educadores sustentáveis”, explica a professora. Ademais, “quanto maior a aproximação com esses aspectos freirianos, maior é o senso de pertencimento dos estudantes”, frisa.

O trabalho tem potencial para contribuir na “formulação e implementação de ações, projetos, programas e até políticas públicas que sejam comprometidas com esses espaços educadores”, destaca Adriana Arrais.

#### DIÁLOGO LIBERTADOR

Um convite à convivência e à transformação coletiva. É assim que Zora Yonara, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Política Social da UnB, define as *Rodas de Conversa Paulo Freire 2021 – Fortalecendo Elos entre Educação e Serviço Social*.

Configurado como curso de extensão, as rodas possibilitam a troca de saberes entre professores, estudantes de graduação e de pós-graduação do Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Discriminação (TEDis). Entre os objetivos está a elaboração coletiva de estratégias de políticas educacionais, além do resgate das contribuições de Paulo Freire nas áreas da Educação e do Serviço Social.

“A iniciativa possibilitou reunir experiências, pessoas, estudos e diálogos. A transformação é coletiva e promove trocas de saberes entre a Universidade e a comunidade. Para mim foi um convite à convivência”, expressa Yonara. Devido à pandemia, os encontros são virtuais, o que acabou fortalecendo a iniciativa ao possibilitar participações internacionais e somar inscritos de 23 estados brasileiros.

Nita Freire, viúva e biógrafa de Paulo Freire, concedeu uma entrevista ao projeto. A cada encontro um trecho da conversa é compartilhado com os participantes. As organizadoras das rodas relatam que é emocionante ter essa contribuição, para abordar a vida e obra do educador.

Nas rodas todos são livres para se manifestar e compartilhar com o grupo considerações sobre a obra e o legado do educador. O TEDis deu início aos trabalhos em comemoração ao centenário de Paulo Freire em 2019, com cinco rodas de conversa de forma presencial. Em 2021, seis encontros virtuais foram programados entre março e setembro, contemplando temáticas como assistência estudantil, serviço social na educação básica, socioeducação.

“As rodas com certeza contribuíram de modo tocante, este foi um momento que deu sentido às pesquisas, uma forma de partilhar e isso cria a possibilidade de construção. Como dizia Paulo Freire: “As pessoas se libertam em comunhão”, e as rodas nos possibilitaram esta libertação que é coletiva”, garante Zora Yonara.

#### PAULO FREIRE NÃO MORREU

Um levantamento sobre dissertações de mestrado e teses de doutorado na área de saúde produzidas ao longo de uma década (2004 a 2014) atesta que as contribuições de Paulo Freire permanecem vivas em diversas áreas do conhecimento. O estudo foi realizado

por Natália Fernandes, sanitarista e graduanda em Pedagogia, no âmbito do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Saúde Coletiva da Faculdade UnB Ceilândia.

“Eu imaginava que Paulo Freire só abordaria eixos da Educação da Saúde e me deparei com um mundo muito maior. Percebi que a educação vai bem além da sala de aula e com ela podemos mudar muitos comportamentos e dados na saúde”, comenta Natália Fernandes sobre a monografia concluída em 2015.

A linha de pesquisa era inédita até então, conforme explica a professora Clélia Parreira. “Embora Paulo Freire não tenha discutido saúde na sua produção, ele tem muita influência no nosso campo desde a década de 1970 com a chegada dos movimentos populares em defesa da saúde e contribuindo, inclusive, na formação de lideranças comunitária. Nós discutimos muito isso na disciplina *Fundamentos da Educação em Saúde*”.

A disciplina, que foi decisiva na escolha de Natália Fernandes sobre o tema de pesquisa, segue sendo ofertada para outros estudantes da Universidade. “A aula nos fornece noção de questões como autonomia do cuidado, fazendo com que cada indivíduo se torne o centro do seu próprio cuidar. Aborda a relação de troca, na qual não é preciso usar um jaleco ou ter formação superior para compartilhar conhecimento”, aprecia a sanitarista, que agora cursa Pedagogia como segunda graduação.



“

A EDUCAÇÃO É UM  
ATO DE AMOR, POR  
ISSO, UM ATO DE  
CORAGEM. NÃO  
PODE TEMER O  
DEBATE. A ANÁLISE  
DA REALIDADE.  
NÃO PODE FUGIR  
À DISCUSSÃO  
CRIADORA, SOB PENA  
DE SER UMA FARSA.

**Paulo Freire,**  
*Educação como prática da liberdade*

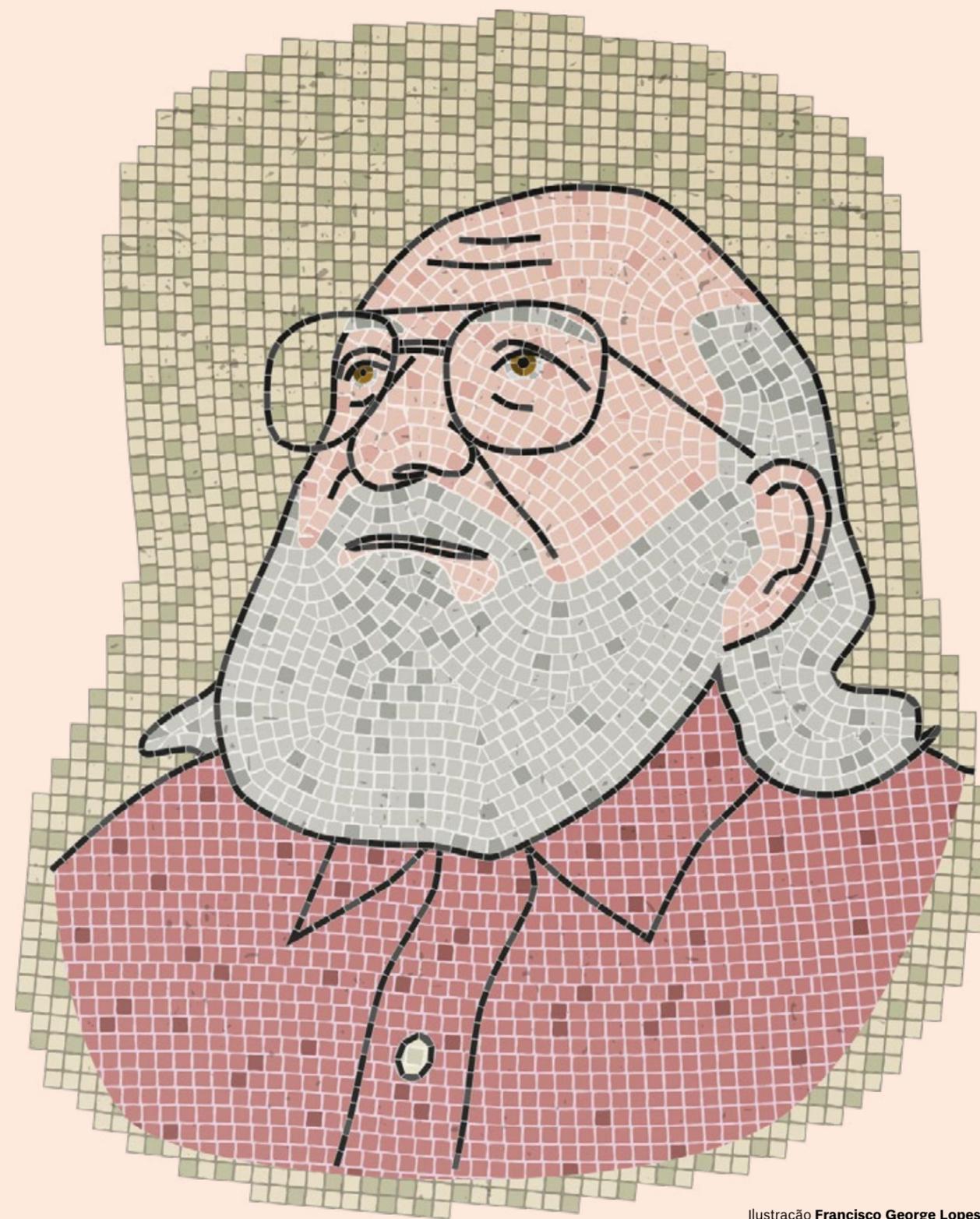


Ilustração **Francisco George Lopes**



## MEMÓRIAS DE ANGICOS: uma experiência pedagógica no sertão brasileiro

Texto **Anastácia Vaz**  
Design **Francisco George Lopes**

**E**ra 1963 na pequena Angicos, interior do Rio Grande do Norte. Geograficamente, a cidade, que herdou nome de árvore presente na Caatinga, no Cerrado e na Mata Atlântica, ocupa o coração do estado, a quase 200 quilômetros da capital Natal, em pleno sertão, com clima árido e salubre.

À época, o censo populacional registrava total acurado de 9.542 habitantes. Oitenta por cento dos moradores economicamente ativos trabalhavam na agropecuária, e a cultura e o beneficiamento do algodão eram os principais motores da renda local. Às estatísticas da mídua urbe, acrescia-se uma negativa: o índice de analfabetismo entre adultos superava os 70%, maior taxa em todo o estado.

Naquele ano, a cidade foi escolhida para receber uma experiência inovadora de alfabetização, coordenada pelo educador Paulo Freire – então diretor do Serviço de Extensão Cultural da antiga Universidade do Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco – junto a um grupo de estudantes, em sua maioria universitários. A meta era ousada: ensinar a ler e a escrever, além de politizar, os adultos angicanos, sem cartilhas educativas e em curto período, por práticas que considerassem as vivências daquela população.

A proposta se pautava por um conceito de alfabetização para além da decodificação dos códigos linguísticos e guiado pela leitura crítica da realidade. Os resultados impressionaram pela velocidade de aprendizagem dos participantes e pelos impactos na comunidade: 300 pessoas foram alfabetizadas em 40 horas de aulas, ao longo de mais de um mês. Não para menos, a iniciativa ecoou mundo afora junto ao nome de seu idealizador. Este foi o pontapé do chamado Método

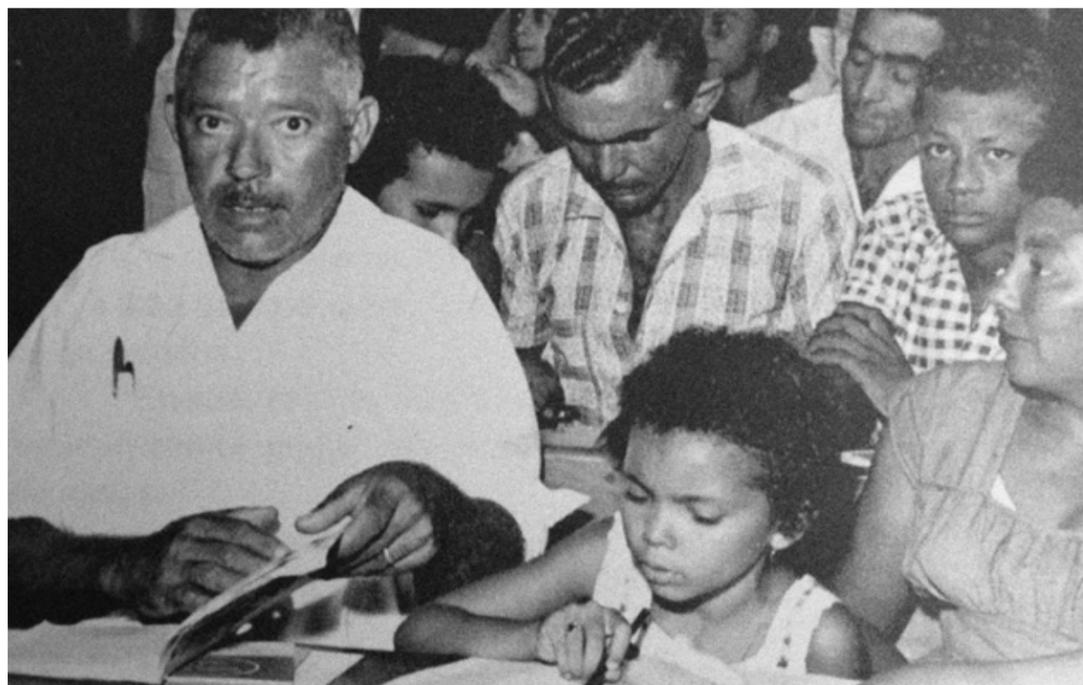
Paulo Freire, cuja aplicação se pauta nas experiências de vida dos aprendizes.

A ação em Angicos foi possível mediante políticas públicas articuladas entre administração estadual, o então Ministério da Educação e Cultura (MEC), a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (Usaid).

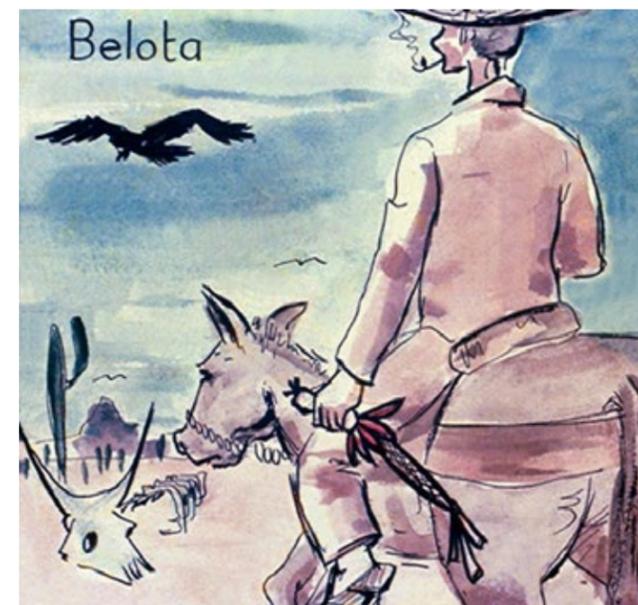
Com suas ideias ousadas, Paulo Freire propôs o levantamento prévio do universo vocabular da comunidade angicana, que orientou o método adotado. Junto a esses verbetes, elementos do cotidiano e da cultura daquela população eram traduzidos em ilustrações, projetadas em slides nas paredes de salas de aula improvisadas, para estimular os diálogos e despertar a consciência política e noção de pertencimento entre os alunos.

Parte do acervo visual deste memorável capítulo da cronologia da educação brasileira é resgatado neste ensaio da *Darcy*. Criadas pelo desenhista natalense Uran França, as ilustrações originais somam-se a fotografias históricas desta experiência, apresentadas em uma releitura, como propõe Freire, para quem “estudar não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las”.

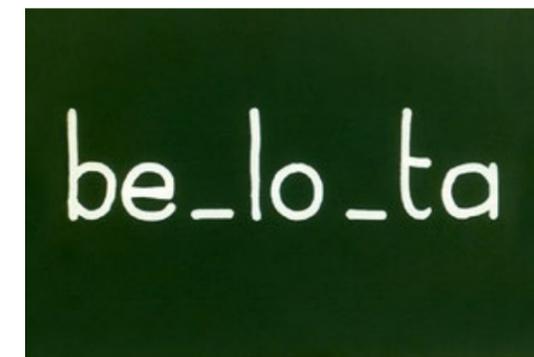
Os registros foram obtidos do acervo do Instituto Paulo Freire, do Fórum de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e do Jornal Tribuna do Norte. Originalmente em preto e branco, as fotografias ganham, nas próximas páginas, um colorido, pelo contraste de tons, que evoca a atualidade e o vigor do pensamento freiriano. Ao mesmo tempo, a releitura evidencia ainda mais os ruídos que perpetuam nestas imagens a passagem dos anos e que as tornam memórias pulsantes do legado de um dos mais célebres educadores do país.



A turma de aprendizes da cidade tinha 380 adultos, dos quais 300 se formaram. Foto: Acervo/Instituto Paulo Freire



Slide utilizado na experiência em Angicos. Ilustração de Uran França. Foto: Acervo/Instituto Paulo Freire



Slide utilizado na experiência em Angicos. Ilustração de Uran França. Foto: Acervo/Instituto Paulo Freire

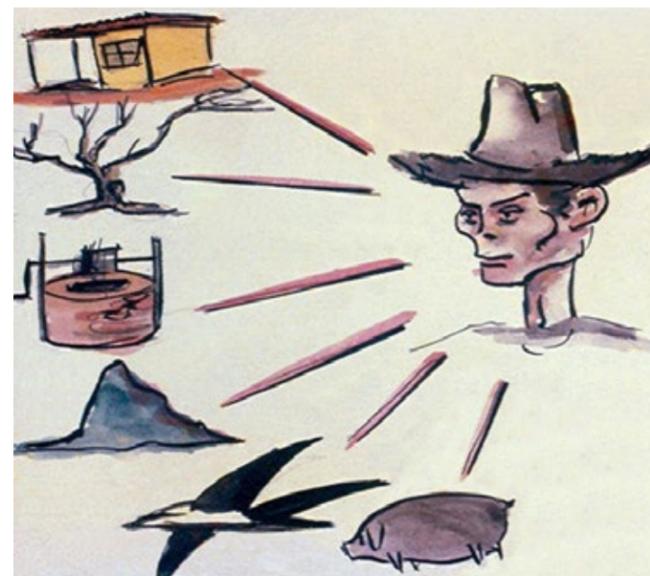
#### UM UNIVERSO DE PALAVRAS ILUSTRADAS

24 de janeiro de 1963. Primeiro encontro dos círculos de cultura em Angicos, propostos por Paulo Freire como espaços dialógicos de aprendizagem e troca de conhecimentos entre alunos e coordenadores da iniciativa. A ideia era debater, em uma conversa descontraída, o conceito antropológico de cul-tu-ra, pela distinção do mundo da natu-re-za. Como exemplo, a projeção da imagem de um homem, cercado de elementos com referências a esses dois universos, despertava olhares tímidos e curiosos dos aprendizes.

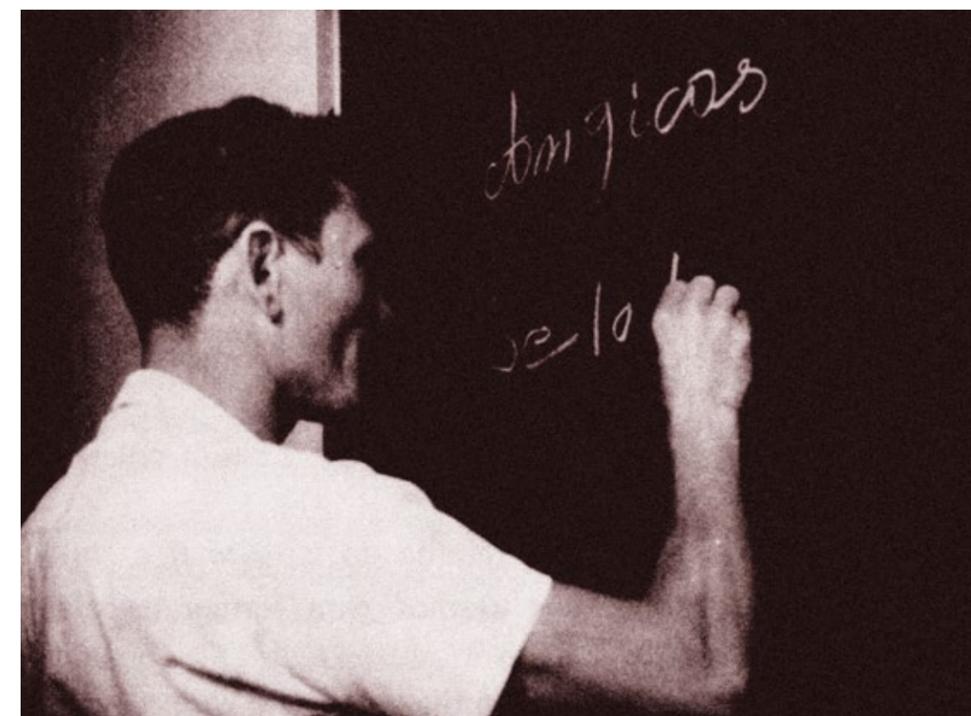
Da apresentação do slide, partiam perguntas a eles: "O que vemos aí?". As respostas eram múltiplas: "um pé de pau"; "um 'poico'"; "uma bacurinha", registra o livro de Carlos Lyra *As quarentas horas de Angicos*: uma experiência pioneira de educação. A partir de diálogos sobre a realidade local se iniciavam as aulas na cidade potiguar.

Como fios condutores, palavras e ilustrações representativas do cotidiano angicano eram trabalhados em classe e desdobravam assuntos diversos, como costumes e culinária local, economia, custo de vida, gêneros alimentícios, trabalho, união, democracia e emancipação política.

Dos 400 verbetes identificados pelos alfabetizadores sobre o vocabulário local, cerca de 20 foram escolhidos para compor o leque das chamadas palavras geradoras, que apontavam o caminho para o aprendizado de novas famílias de letras. Entre eles *belota* (que designa a ponta de renda das redes de dormir), *povo*, *voto*, *salina*, *feira*, *milho*, *cozinha*, *jarra*, *tigela*, *chibanca*, *xique-xique* e *expresso*. Termos que, apesar da simplicidade, convidavam a reflexões críticas profundas sobre o panorama social da cidade e do país.



Slide utilizado na experiência em Angicos. Ilustração de Uran França. Foto: Acervo/Instituto Paulo Freire



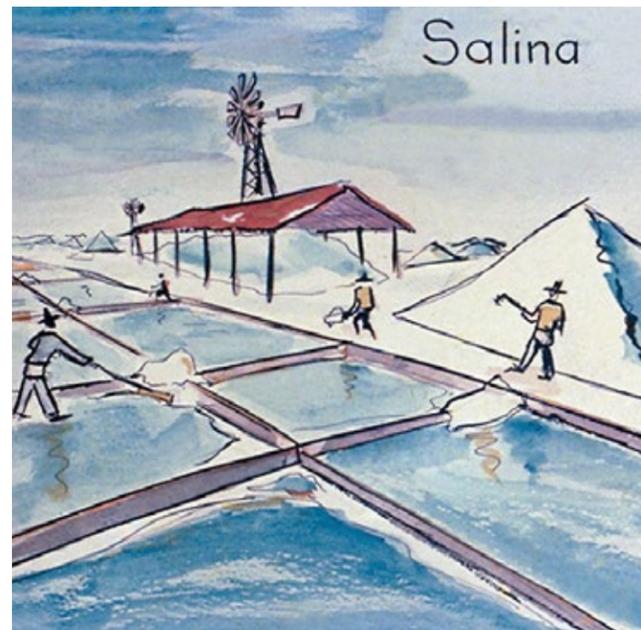
Aluno escreve no quadro negro a palavra geradora *belota*, termo identificado como recorrente no vocabulário dos angicanos e o primeiro a ser trabalhado nas aulas de alfabetização. Foto: Acervo/Instituto Paulo Freire



Círculo de cultura com Marcos Guerra, um dos coordenadores do projeto de alfabetização em Angicos. Foto: Acervo/Instituto Paulo Freire



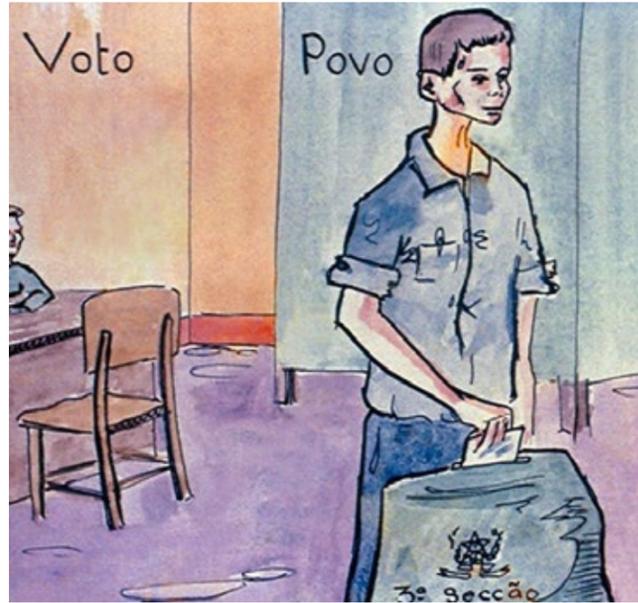
Paulo Freire orientava os coordenadores dos círculos de cultura com seus conhecimentos teóricos, discutidos a partir da experiência prática. Foto: Acervo/Fórum EJA



Slide utilizado na experiência em Angicos. Ilustração de Uran França. Foto: Acervo/Instituto Paulo Freire



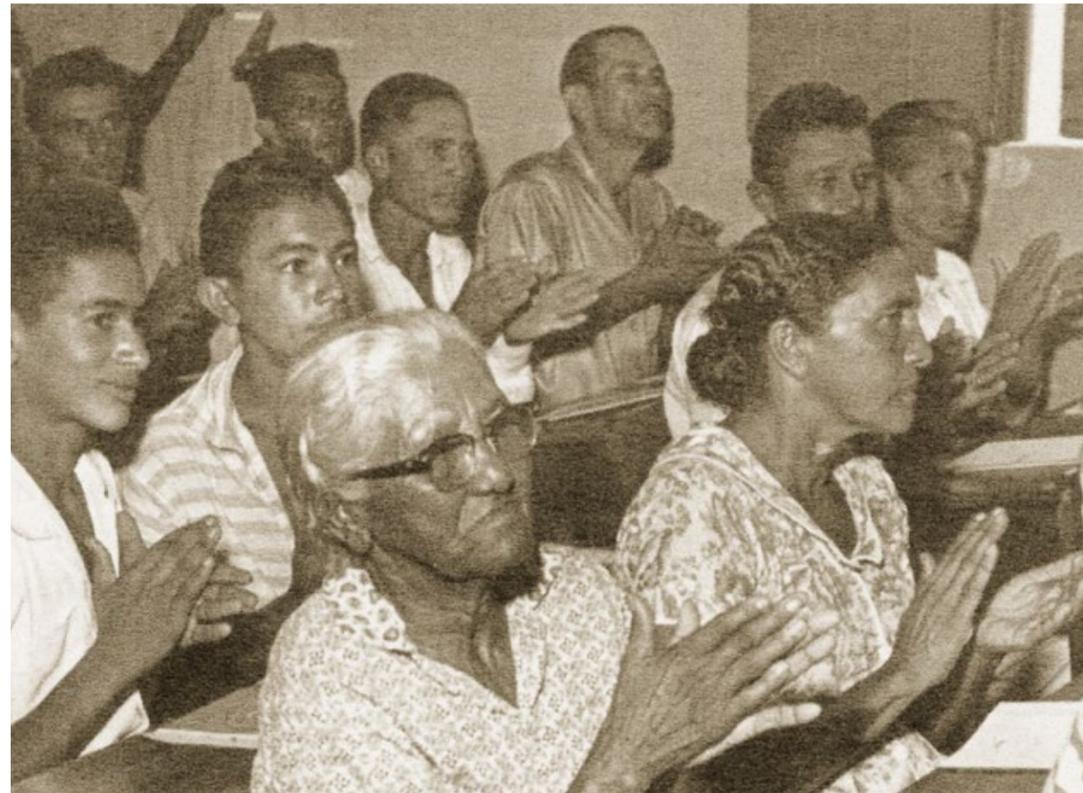
Em reuniões diárias, os coordenadores dos círculos de cultura analisavam os resultados alcançados no processo de alfabetização e revisavam seus planos. Foto: Acervo/Instituto Paulo Freire



Slide utilizado na experiência em Angicos. Ilustração de Uran França. Foto: Acervo/ Instituto Paulo Freire



Um dos alfabetizados, Antônio Ferreira (centro) surpreendeu ao fazer um discurso improvisado durante a solenidade de encerramento do projeto. Foto: Acervo/Instituto Paulo Freire



Público diverso de adultos angicanos foi alfabetizado com o método de Freire, entre eles domésticas, trabalhadores rurais, pedreiros, motoristas e lavadeiras. Foto: Acervo/Instituto Paulo Freire



O então presidente João Goulart compareceu à cerimônia de formatura da turma de alfabetizados de Angicos, em 2 de abril de 1963. Foto: Acervo/Instituto Paulo Freire

# Alfabetizar e letrar no **bê-a-bá** de Freire

Texto **Vanessa Tavares**  
Ilustrações **Luísa Reis**



“**A** educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” O que está previsto no artigo 205 da Constituição Federal de 1988, já era base do pensamento e do trabalho de Paulo Freire no campo da educação.

Referência internacional por seu método pedagógico, o educador teve suas primeiras experiências realizadas de 1957 a 64, no Movimento Cultural Popular – constituído em 1960, em Recife, por estudantes universitários, artistas e intelectuais, sendo voltado à alfabetização de adultos e à educação de base – e na cidade de Angicos, no sertão do Rio Grande do Norte. Em suas práticas, a alfabetização extrapolava a perspectiva de transmissão do conhecimento do educador ao aprendiz, e incentivava a reflexão e consciência crítica sobre o mundo.

Mas o que se entende por alfabetizar? É diferente de letrar? Genericamente o conceito de alfabetização é entendido como o processo de aprendizagem em que o indivíduo desenvolve a capacidade de ler e escrever, ou seja, decodificar letras, sílabas e palavras e reproduzir este código.

No entanto, não é o suficiente para conquista de uma cidadania plena, para isso é necessário que este sujeito alcance o letramento. Este termo passou a ser utilizado pelos especialistas no Brasil ao lado da alfabetização, na mesma década da promulgação da Constituição Cidadã, e ele refere-se à capacidade de utilização da língua na leitura e na produção de texto de forma adequada e competente para compreender e agir na sociedade em variados contextos.

O termo letramento é complexo e abrangente. Atualmente, fala-se em letramentos e multiletramento, visto que considera uma ampla variedade de significados e convenções referentes às diversas esferas da vida em sociedade, como a cultural e a social. Nestas estão inseridas as múltiplas modalidades comunicativas que resultam das características inerentes aos novos meios de comunicação e informação, os quais tendem a continuar se expandindo e renovando.

Resumidamente, as diferenças entre letramento e alfabetização estariam relacionadas à qualidade do domínio sobre o texto escrito, à frequência da leitura e da escrita no cotidiano, à competência para lidar com as demandas sociais e para interpretar o mundo.

Alfabetização e letramento são dois processos distintos, contudo não necessariamente dicotômicos. Na verdade, eles podem ser entendidos como indissociáveis e interdependentes. É justamente o que se vê no conceito de alfabetização de Freire, no qual está implícito o conceito de letramento, pois entende a alfabetização como um “ato político e um ato de conhecimento, por isto mesmo um ato criador”, em que o aprendiz é sujeito, e não o objeto do processo.

O ato de alfabetizar(se) é um processo dialógico que ultrapassa a imposição de signos, é necessária a relação destes elementos com o universo vocabular do aprendiz. Para Freire, a leitura do mundo é anterior à leitura da palavra, de modo que a leitura desta implica a compreensão da realidade a partir das experiências individuais. Assim, apreender o texto exige a interpretação das relações entre este e o contexto em que ele se insere, e é neste princípio que se embasam as três etapas que compõem seu método.

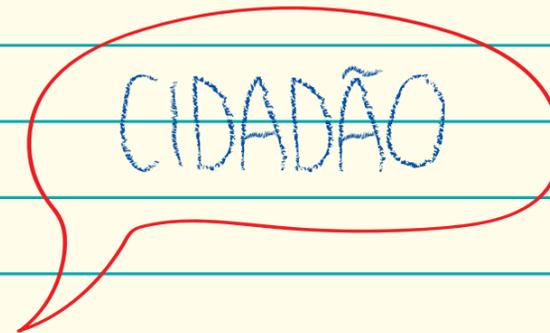
Na visão de Freire, a leitura e a escrita são práticas culturais e devem ser entendidas em interação com outros e dentro de uma cultura. E sendo a cultura criação humana, os sujeitos podem mudar e promover mudança por meio do seu aprendizado.

## MÉTODO PAULO FREIRE

**Etapas de investigação:** busca conjunta entre professor e aluno das palavras e temas mais significativos da vida do aluno, dentro de seu universo vocabular e da comunidade onde ele vive.

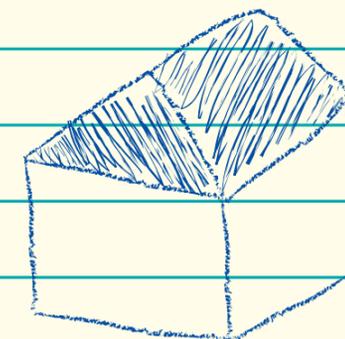
**Etapas de tematização:** momento da tomada de consciência do mundo, através da análise dos significados sociais dos temas e palavras.

**Etapas de problematização:** momento em que o professor desafia e inspira o aluno a superar a visão mágica e acrítica do mundo, para uma postura conscientizada.



“A alfabetização é mais, muito mais, do que ler e escrever. É a habilidade de ler o mundo.”

a            qua  
              que qui  
e            quo



ca\_s\_a

o            po\_vo vo\_to

u            “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família.”

# A UnB mais perto de você!



**Um universo de oportunidades e  
informações a um clique de distância.**

**Acesse, descubra, comente e compartilhe!**

-  [unb.br](http://unb.br)
-  [facebook.com/oficialUnB](https://facebook.com/oficialUnB)
-  [twitter.com/unb\\_oficial](https://twitter.com/unb_oficial)
-  [instagram/unb\\_oficial](https://instagram/unb_oficial)
-  [unbtv.unb.br](https://unbtv.unb.br)



A UnB quem faz  
**é a gente**